

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS – UFAM
DEPARTAMENTO DE APOIO A PESQUISA – DAP
PROGRAMA INSTITUCIONAL DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA-
PIBIC**

Mulheres da Panair:

Redes Sociais e sentidos simbólicos envolvidos na Pesca

Bolsista: Taciana Lima Magalhães, CNPQ

MANAUS – 2011

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS – UFAM
DEPARTAMENTO DE APOIO A PESQUISA – DAP
PROGRAMA INSTITUCIONAL DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA-
PIBIC**

RELATÓRIO FINAL

PIB-H/0072/2010

Mulheres da Panair:

Redes Sociais e sentidos simbólicos envolvidos na Pesca

Bolsista: Taciana Lima Magalhães, CNPQ

Orientador: Prof. Dr. Gilton Mendes dos Santos

Taciana Lima Magalhães

CNPQ

Gilton Mendes dos Santos

Orientador

MANAUS – 2011

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Carregador transportando o pescado até a Feira da Panair.....	32
Figura 2	Vazio no Terminal Pesqueiro domingo à tarde.....	35
Figura 3	Mulheres conversando no final da tarde.....	41
Figura 4	Mulheres utilizando meios de transportes fluviais.....	60

LISTA DE TABELAS

FIGURA	TÍTULO	
Mapa 1:	Localidade do bairro de Educandos e bairros vizinhos.....	49
Fluxograma 1:	Atrizes sociais inseridas na rede social da comercialização do Pescado.....	50

SUMÁRIO

RESUMO.....	05
INTRODUÇÃO.....	06
1 REFERENCIAL TEÓRICO.....	09
1.1 Desconstruções e construções de novos conceitos: em busca de vozes e significados de homens e mulheres na Amazônia.....	09
1.2 Entre conexões e distinções de saberes: desvendando sentidos simbólicos no mundo da Pesca.....	19
1.3 Para dizer que ouvi e falei das flores: trabalho e sentidos simbólicos das mulheres no Terminal pesqueiro da Panair.....	23
2 RESULTADOS FINAIS.....	28
2.1 DO PROJETO À PESQUISA: RAZÕES E PERSPECTIVAS DE SE ESTUDAR AS MULHERES DA PANAIR.....	28
2.1.2 “MIRANTE DO COTIDIANO”: CASOS E ACASOS NO TERMINAL PESQUEIRO NA FEIRA DA PANAIR.....	30
2.3. MAPEANDO MUDANÇAS E PERMANÊNCIAS DE FUNÇÕES E PAPÉIS SOCIAIS DO TRABALHO DE HOMENS E MULHERES NO TERMINAL PESQUEIRO.....	39
2.4 IDENTIFICANDO AS REDES SOCIAIS DE MULHERES TRABALHADORAS NO CIRCUITO DE COMERCIALIZAÇÃO DO PESCADO.....	45
2.5 DESVENDANDO REPRESENTAÇÕES E ASPECTOS SIMBÓLICOS ENVOLVENDO AS MULHERES EM MODOS E ESTILOS DE VIDA DIFERENCIADOS.....	52
CONCLUSÃO.....	62
REFERÊNCIAS.....	64
CRONOGRAMA.....	67

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo caracterizar e analisar a rede social e os sentidos simbólicos envolvidos no universo feminino em torno da pesca e do pescado que abastece Manaus, para isso mapear as mudanças e permanências de funções e papéis sociais e como se dão as divisões sociais do trabalho entre homens e mulheres no Terminal Pesqueiro; bem como Identificar e caracterizar as personagens envolvidas no circuito dessa pesca; podendo assim evidenciar idéias entre representações e sentidos simbólicos de aspectos que envolvem a mulher, como *panema*, na pesca e *reima* na alimentação, apontando modos e estilos de vida diferenciados. A metodologia é dada de forma qualitativa, usando como métodos de coleta de dados conversas informais, entrevistas abertas, elaboração de etnografias e uso do diário de campo. Quanto aos resultados obtidos: O primeiro evidenciou que em meio às mudanças e permanências de funções entre homens e mulheres na comercialização do pescado a mulher mesmo continuando no espaço de dentro (o barco de pesca), durante a madrugada na Feira do Pescado passa a adentrar no mundo do comercio; enquanto no segundo resultado foi percebida a função de cada uma seja, comercializando pescado, administrando as vendas e entre outras funções a elas atribuídas. Finalmente no terceiro objetivo realizado foi identificando as várias formas de interação de mulheres e homens Amazônicos com a natureza por meio da cultura, não somente em relação aos aspectos simbólicos referenciados no terceiro objetivo, mas as informações que foram registradas em campo, através dos sujeitos sociais envolvidos.

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa tem como objetivo caracterizar e analisar a rede social e os sentidos simbólicos envolvidos no universo feminino em torno da pesca e do pescado que abastece Manaus, para isso mapear as mudanças e permanências de funções e papéis sociais e como se dão as divisões sociais do trabalho entre homens e mulheres no Terminal Pesqueiro; bem como Identificar e caracterizar as personagens envolvidas no circuito dessa pesca: pescadoras, donas de barco, acompanhantes, cozinheiras, mães de família, despachantes, comerciantes e prostitutas; podendo assim evidenciar idéias entre representações e sentidos simbólicos de aspectos simbólicos que envolvem a mulher, como *panema*, na pesca e *reima* na alimentação, apontando modos e estilos de vida diferenciados.

Para entendermos a rede sociocultural entorno das atribuições do universo feminino permeado por restrições e tabus é importante que se referenciem as mudanças e permanências nos estudos de populações amazônicas e se evidencie as novas formas de se pensar a “ciência da floresta”. E ainda pensar esses aspectos simbólicos atribuídos de modo diferenciado no mundo da pesca não somente como forma de manejo socioambiental, mais que isso, um manejo sociocultural.

Os autores que nos ajudaram a pensar sobre essas temáticas foram: Mendes e Dias (2009) que nos ajudaram a perceber a importância do outro dentro da antropologia e a partir disso perceber a importância da pesquisa de campo para o ofício do antropólogo; Débora Lima (2005) que foi luz para percebermos as mudanças quanto aos conceitos e práticas socioambientais; Cabalzar (2000) que nos abrilhantou com leitura de um calendário ecológico, no seu “Manejo do Mundo“; Geraldo Marques (2001) que nos faz apreender as conexões entre homem, animal e sobrenatural, fundamental para entender

a cosmologia da pesca; Strathern (2002) que nos mostrou de um jeito bastante ousado outro modo de se pensar nas relações entre homens e mulheres. E Maués (1993) que foi “boa para pensar” nas mudanças e permanências tanto de trabalho como cosmológicas no mundo da pesca. Em decorrência de significados simbólicos como restrições e tabus em torno de uma comunidade Amazônica.

A metodologia desse estudo é dada de modo qualitativo, onde foi realizada a pesquisa de campo nos meses de Fevereiro, Março e Abril de 2011. Nela foram realizadas entrevistas abertas, conversas informais, conversas em grupo, entre outras atividades de campo. Utilizamos também recursos visuais como máquina fotográfica, para nosso registro do local com as devidas autorizações; utilizamos mapa e fluxograma, a fim de complementar os dados com algumas informações. Mas que não foram o foco da pesquisa e entrevistas abertas e diários de campo que voltaram transcritos e vinculados a esse relatório final como dados qualitativos e que enriqueceram o conteúdo teórico da pesquisa.

Entendo que somente de forma dialógica e intersubjetiva poderia atingir tais objetivos de pesquisa, dentre a pesquisa de campo e a sistematização dos dados, ao final da pesquisa detecto e apreendo que os objetivos conectam-se com a realidade do local de estudo e assim não poderia deixar de ser. Pois antes com leituras prévias me debrucei em campo e senti, vivi, convivi com aquele mundo vivido. Para então perceber como se dão as redes sociais inseridas no universo feminino da comercialização do pescado, suas complexidades, suas dificuldades, mas também sua sociabilidade e ajuda mútua o que muito me lembrou das fronteiras entre o campo e a cidade, entre como o urbano perpassa o rural e vice-versa.

Assim, o presente relatório apresenta fundamentação teórica, abordando os autores estudados, bem como, as temáticas envolvidas, discussões e considerações finais coletados durante os doze meses de pesquisa, onde consideram os objetivos propostos do projeto.

REFERENCIAL TEÓRICO

Apresentarei, neste relatório, os conceitos teóricos referentes às principais categorias que norteiam a realização desta pesquisa, bem como integrados aos objetivos gerais e específicos da mesma; os quais são de suma importância para compreensão do nosso objeto de estudo, por isso, faremos uma abordagem sobre as devidas temáticas e conceitos para uma melhor compreensão das contribuições dos autores até o presente estudo.

1.1 Desconstruções e construções de novos conceitos: em busca de vozes e significados de homens e mulheres na Amazônia

Quem chegou,
Ainda que apenas em certa medida,
À liberdade da razão,
Não pode sentir-se sobre a terra
Senão como andarilho
Embora não como viajante
Em direção a um alvo último:
“Pois este não há”.
Humano Demasiado Humano –
Nietzsche, 1984

Ao realizar nos anos 2009 e 2010 a pesquisa que antecede esta renovação, comecei a entrar em contato com novas literaturas e novas maneiras de ver e pensar a ciência e ainda o jeito de se fazer pesquisa, percebendo assim através de Mendes e Dias (2009) que é preciso nas pesquisas sobre povos da Amazônia apreender, decodificar e traduzir o que dizem os “intelectuais da floresta”.

Portanto, no que se refere a esta pesquisa se torna de suma importância o uso da história oral e de vida, bem como da narrativa, para analisar a partir do discurso das próprias mulheres como se dão as mudanças e permanências na divisão do trabalho

social por sexo, ainda por que e como se dá essa divisão e ouvir dos homens quais os aspectos simbólicos ligados ao universo feminino com sentidos simbólicos ligados a pesca como a reima e a panema.

Então, através desses autores entendi o valor da narrativa quando evidenciam: “o que motiva a antropologia é exatamente aquilo que o outro tem a dizer” (Mendes e Dias, 2009, p. 15), ou seja, é por meio da fala desse outro que se vai a campo e lá se percebe que “quem parti nunca é o mesmo que regressa”, por isso a antropologia dá valor à pesquisa de campo e ao aprendizado e experiência que a mesma proporciona.

Enquanto isso, para Foote Whyte (2005) o perigo e risco em campo são dados por que o pesquisador iniciante não sabe de antemão onde está "aterrissando", caindo geralmente de "pára-quadras" no território a ser pesquisado. Não é esperado pelo grupo, desconhecendo muitas vezes as teias de relações que marcam a hierarquia de poder e a estrutura social local. Equivoca-se ao pressupor que dispõe do controle da situação.

O que o etnógrafo enfrenta, de fato é uma multiplicidade de estruturas conceituais complexas, muitas delas sobrepostas ou amarradas umas às outras, que são simultaneamente estranhas, irregulares e implícitas, e que ele tem que, de alguma forma, primeiro apreender e inserir-se no meio pesquisado, passando por vários constrangimentos que lhes são chaves de iniciação, para somente depois apresentar suas conclusões.

O método etnográfico orientado pela observação participante implica saber ouvir, ver, sentir os mais diversos sentimentos que antes não sentia, isto é, fazer uso de todos os sentidos. É preciso aprender quando perguntar e quando não perguntar, assim como

que perguntas fazer na hora certa (p. 303). As entrevistas formais são muitas vezes desnecessárias no âmbito dessas metodologias adotadas (p. 304)

Tendo em vista que todo dia em campo torna-se um “turbilhão” de sentidos e práticas de vida novas, o pesquisador aprende com os erros que comete durante o trabalho de campo e deve tirar proveito deles, na medida em que os passos em falso fazem parte do aprendizado da pesquisa. Deve, assim, refletir sobre o porquê de uma recusa, o porquê de um desacerto, o porquê de um silêncio.

Enquanto Geertz (1989) enfatiza que o homem é um animal amarrado a teias de sentidos e significados que ele mesmo teceu ao longo da sua construção histórica, onde o mesmo pensa a ciência da antropologia (como ciência humana) não como uma busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura de significados tanto do mundo sociocultural, quanto dos sujeitos ou autores sociais envolvidos.

De acordo com Gilberto Velho (1978) daí a importância do trabalho de campo, com observação participante e entrevista que devem, em princípio, permitir ao investigador ir além das “aparências” e identificar “códigos” nem sempre explicitados. Isto é, desnaturalizar e tornar estranho para o pesquisador o que é familiar para os sujeitos da pesquisa, esse estranhamento é visível apenas para aquele que pesquisa, pois para os sujeitos não é somente tradição ou *hábitus* é muito mais que categorias teóricas, sendo assim, suas “vidas” compartilhadas ou individualizadas.

Assim, desvendados inicialmente os métodos da pesquisa antropológica de campo, é preciso que se pensem as mudanças e permanências de reflexões sobre a Amazônia, e hoje sobre quem vive nela e se legitima através de seu trabalho, buscando não somente a complexa noção de identidade, mais que isso questões antigas e atualmente não

resolvidas como os direitos ao território em que vivem e produzem que possuem tanto em aspectos de subsistências (materiais), quanto em aspectos de cultura (simbólicos).

Contudo ao entrarmos em contato com a referência de Deborah Lima e Pozzobon (2005) “Amazônia Socioambiental: sustentabilidade ecológica e diversidade social” que me ajudou a compreender como em 1990 é consolidado um novo referencial científico para pensar a relação entre populações humanas e meio ambiente. Inclusive bastante distanciado e diferenciado dos “estudos de comunidades”, de 40 a 80, onde Wagley (1988) ainda estava preocupado em elencar a quantidade dos meios de subsistência e modos de produção; que existiam nas casas daqueles que habitavam a floresta e viviam de seus recursos.

E ainda alegava que os mesmos só viveriam bem se obtivessem os mesmos recursos de quem vive nas cidades, sem considerarem suas especificidades e características regionais e locais. Enquanto após 1990, com o maior enfoque no âmbito ambientalista e o marco histórico da Eco-92 em que ambientalistas e biólogos perceberam a importância e as especificidades daqueles que vivem do sustento da natureza até chamá-los de populações (um termo da biologia) para referirem as populações “tradicionalistas”.

Enquanto isso, hoje os biólogos, ecólogos e ambientalistas procuram conservar áreas ambientais com uma extensa proteção as “populações tradicionais” criando assim reservas, áreas de proteção, áreas de conservação, reservas de desenvolvimento sustentável... Mas é preciso que se pense, investigue e pesquise como esses habitantes da floresta (sejam eles pescadores, agricultores polivalentes) vivem quais suas tradições, culturas, significados simbólicos e não só a invenção da tradição, mas o que eles dizem de si mesmos e dos outros.

Pois segundo Strathern (1998) diferente dos ambientalistas, os antropólogos sabem que a tradição só sobrevive se for reinventada, pois a cultura, bem como a vida dos grupos pesquisados é dinâmica e como os sujeitos se relacionam com o modo de produção capitalista, eles se reinventam a cada dia vivendo dicotomicamente entre o que é tradicional (velho) e o que é moderno (novo). É preciso evidenciar, que seus sentidos simbólicos são importantes, pois entendendo a organização que rege seus mundos percebemos o quanto é importante a conservação de suas vidas não somente pela floresta, pela renda da terra e da água, mas pelos homens e mulheres amazônicos.

E não somente olhá-los com os nossos olhos, e observar o que falta para eles aos nossos olhos, mas em perceber com grandeza de espírito e sensibilidade social o que lhes sobra e muito nos falta: a sociabilidade; o parentesco; os laços fincados ou à volta ao coletivo que o individualismo da meritocracia capitalista nos retirou.

Assim sendo, Rangel (2008) mostra com muita poesia como o homem amazônico adapta-se a seu ambiente de cheias, secas e vazantes da solidão de pescar prática profissional e artesanal dos homens que vivem e convivem com as intempéries dos rios. Toda diversidade, incerteza e desassossego da Floresta Amazônica. Todos os processos naturais e biológicos da floresta juntam-se com o imaginário de deuses e assombrações e visagens como: “mãe d água”, cobra grande, curupira, caipora, Matita Pereira, boitatá.

Entre essas forças cosmológicas e sociais os Pan-Amazônicos refugiam-se nos rios. Satisfazendo o estomago e a imaginação, sua despensa sempre cheia é o rio, ao mesmo tempo, sede adorável as lendas e perigosos mistérios, pois pescam de madrugada, ora magia e respeito ora terror e pânico.

Entendo que é preciso que se ouça a voz desses habitantes hoje atribuídos povos da floresta ou populações tradicionais, ou seja, mais que um desenvolvimento sustentável de seus recursos esses habitantes da floresta possam contar e ser atores de suas próprias histórias e não perderem seus papéis sociais não somente como informantes, mas interlocutores ou por que não co-autores?

Enquanto antes predominava a racionalidade calculista e pragmática da economia capitalista de forma “irracional” e ordenava os segmentos sociais de forma absoluta, hoje com a influência do movimento ambientalista e seus novos critérios de sustentabilidade ecológica os segmentos sociais; antes bastante inferiorizados como os indígenas, os ribeirinhos e demais populações tidas como tradicionais retomam um valor ecológico positivo por possuírem a capacidade de uma população que ocupa uma área e explorar seus recursos naturais sem ameaça a “integridade ecológica do meio ambiente”.

Essa crise da racionalidade ambiental pelo sistema capitalista, segundo Lima e Pozzobon (2005) antes nunca imaginada, coloca hoje em cheque o modelo de desenvolvimento capitalista, enquanto no debate acadêmico o grande desafio e avanço é considerar a relação entre populações humanas e o meio ambiente na Amazônia, ao que antes se limitava apenas às sociedades indígenas.

O mais interessante nesse novo contexto analítico de abordagens, mais empíricas para estudar a relação entre populações e ecossistemas é que ambientalistas, biólogos e recentemente antropólogos sociais perceberam que mesmo não preocupados e às vezes sem saber do que se tratam os ribeirinhos; os pescadores; plantadores de roça fazem o manejo de suas áreas, não somente seus modos econômicos de subsistência, mas também seus modos e estilos diferenciados do modelo racional e pragmático capitalista.

Pensando na referida pesquisa a ser analisada, é viável mencionar que conforme o aprendizado transmitido de seus pais, avós e durante o dia-a-dia entendem por meio da observação a influencia e a relação distinta e complementar entre o homem e o meio em que se estão inseridos. Observam isso, por exemplo, na lua e suas faces melhores para se pescar e comercializar na cidade ou que na pesca cada espécie de peixe possui sua característica própria age, se posiciona e trava uma luta com os pescadores e a malhadeira (um dos vários instrumentos de trabalho dos pescadores) esse acontecimento é tido por eles como segredos e mistérios da pesca, para além do perspectivismo do pensamento de presa e predador, é uma relação também de sentidos e quiçá de saberes compartilhados.

É importante perceber também o quanto esses meios e modos de vida diferenciados funcionam como mecanismos de defesa e modos também de sobrevivência e ressignificação diante de modos econômicos defasados que tem tentado a qualquer custo os explorar ou pior os cooptar para o grande inchaço das cidades.

Lima e Pozzobon (2005) percebem que esses mistérios e segredos da pesca, por exemplo, desfaz toda a noção ocidental da dicotomia homem e natureza, onde os mesmos encontram-se juntos, em diferentes modos de se relacionar com a natureza. Podendo ocorrer transformações de homens em animais através do “encante”, e ainda regular atividades de exploração de espécies naturais como curupira, mãe dos bichos, mãe das águas, onde a cultura humana se derrama em mistérios e segredos naturais e ainda conserva seu *habitat* de forma sociocultural, não somente através de imaginários e narrativas orais, mas por vivências e especificidades amazônicas.

Contendo fragmentos de diversas tradições indígenas e ibéricas, os ribeirinhos conservam seu ambiente envolvido de mitologias através da transmissão oral de

conhecimentos de uma geração a outra. Tendo em vistas tais especificidades, bem mais que classificar ordenar ou separar é preciso entender o outro em suas limitações, controvérsias, singularidades, alteridades e interagir com ele e não quantificado em uma tabela classificatória, numérica ou esquemática, que limita ainda mais suas formas de saber.

É importante evidenciar que o envolvimento com o mercado implica mudanças socioambientais e também socioculturais – seguindo de alterações significativas no padrão de consumo do grupo, pressão exercida pelo ambiente para atender demanda por recursos naturais que o mercado apresenta. Este é um ponto chave e muito relevante no que diz respeito às mudanças e permanências de funções e organizações de papéis sexuais no mundo da pesca.

A visão de mercado dos administradores, ou seja, aqueles que detêm o capital e todos os materiais disponíveis para a pesca comercial percebem o peixe somente como mercadoria. Fato esse que amplia o tempo de trabalho do pescador vindo de comunidades, o que segundo conversas informais prejudica a saúde e a salubridade do pescador, por isso tende a aposentar-se mais cedo, justifica esse problema, e entrega-se a hábitos como o alcoolismo e a contribuir com a prostituição no Porto da Feira da Panair.

Ao contrário do que Lima e Pozzobon (2005) enfatizam, apontando o enfoque da Amazônia sustentável e diversidades sociais centralizados na preocupação proeminente na questão ambiental de conservação de recursos; nosso trabalho enfoca outro olhar, ou seja, uma antropologia que visa a partir das visões de mundo daqueles pescadores e pescadoras enfatizar o que lhes é importante e encontrar em seus modos e estilos de

vida diferenciados em decorrência da tão discutida sustentabilidade em voga na Amazônia após os projetos de integração entre 60 e 70.

Nessa busca de desconstrução e construção contínua de novos modos de encarar e fazer ciência eu menciono os pontos de vista de Strathern (2002) a qual a autora discute mais “nós” os pesquisadores que “eles” os sujeitos sociais a serem pesquisados e critica em seu texto o modo ocidental de se fazer antropologia de se pensar a diferença de outras culturas e ainda perceber o feminismo radical ou marxista, ela critica e nos auto-analista comparando os modos ocidentais de se pensar o gênero e as relações entre homem e mulher com os Melanésios sujeitos de sua pesquisa.

Essa autora além de bastante crítica aponta com muita ousadia reflexões sobre outra forma de ver as relações de gênero, ligada ao conceito de dádiva, muito bem conceituada por Mauss, colocando em cheque duas categorias a serem discutidas: dádiva e mercadoria. Razão pela qual, a autora expõe suas intenções ao introduzir o debate feminista para uma crítica contemporânea e autônoma à cultura ocidental.

A mesma é ousada quando sugere que é preciso deixar de pensar nessas sociedades em que a oposição entre masculino e feminino precisam ser referida no controle de um sobre o outro. O que segundo Strathern (2002) afirma mais o discurso feminista extremamente ligado ao marxismo e as noções marxistas que ora se contrapõem, ora se completam.

Porém sua posição é arriscada, por que a sobreposição entre os sexos é histórica e secular; ou seja, sempre houve uma espécie de controle de homens sobre mulheres desde as “mulheres de Atenas” até as mulheres que nos propomos a estudar dentro do mundo da pesca e da circulação de dádivas e mercadorias no Terminal Pesqueiro da

Panair. Ao perguntar em campo a uma senhora pescadora de cinco filhos o porquê dessa sujeição das mulheres, ela me respondeu com bastante simplicidade e sabedoria que “é por que Deus veio num homem, (Jesus) se tivesse vindo mulher o poder era nosso”; ou seja, se Deus é homem, o homem passa implicitamente a ser também Deus.

E é do geral ao local determinante essa temática, pois a diferença, assim como a desigualdade existe e somente o fato dos homens esconderem as mulheres e dizerem que o mundo da pesca na Amazônia pertence aos homens, já nos dá indícios desse controle de um sobre o outro.

A autora também crítica a essência entre a mulher e a domesticidade e se baseia em Lévi-Strauss e as trocas de mulheres entre homens, evidenciando que trocar mulheres é também trocar signos, valores, quando as mulheres representam dádivas preciosas e as regras de parentesco representam toda e qualquer regra social. Então passa a explicar como esse autor se referia as mulheres como mercadorias de troca.

Porém é preciso também restaurar o “sujeito feminino” e indaga como tirar da imaginação ocidental que a mulher produz bebês, como uma trabalhadora faz um produto. Finaliza sua polêmica discussão percebendo que, tanto as mulheres como os homens possuem canal para as relações sociais construídos também como aspectos das identidades sociais, ou seja, como se cada sexo fosse vulnerável ao sexo oposto.

Contudo, seu trabalho se torna de suma importância quando nos trás outras visões entre as relações de gênero, tão marcadas pelas relações de poder entre dominante e subalterno, é interessante também começar a pensar que existem entre essas relações de homens e mulheres principalmente nas relações de trabalho e nas divisões sociais de trabalho signos, valores, dádivas, significados e representações.

Esses sentidos simbólicos buscados nesta pesquisa sejam eles articulados aos modos diferenciados de vida, o que os ambientalistas chamam de manejo socioambiental ou até um manejo sociocultural, ainda não descoberto e descrito no campo científico. Ou seja, na vivência entre homens e mulheres através das restrições, tabus alimentares, reimas e panemas vê-los e percebê-los para além do domínio entre gêneros.

É importante para não cairmos em generalizações e nem nos mesmos erros dos primeiros estudos de comunidades, em imaginar que essa complexidade da vida amazônica se restringe somente aos meios e modos de produção, para assim entender a dádiva de forma não utilitarista, e não reduzir a meros tipos sociais populações tão distintas e singulares como os sujeitos sociais que habitam o interior da Amazônia.

É um exercício que requer mais que esforço e sim desconstruções e construções contínuas a fim de dar valor à voz desses povos e ao ouvir decodificar suas histórias, seus conflitos, suas lutas são essas complexidades mais que substanciais, ou seja, existenciais, ontológicas e humanas na Amazônia que me motiva a continuar pesquisando.

1.2 Entre conexões e distinções de saberes: desvendando sentidos simbólicos no mundo da Pesca

Cabalzar (2010) em seu livro “manejo do mundo”, nos mostra como se dá a organização e a relação de populações indígenas do Rio Tiquié no alto Solimões com o meio ambiente repleto de significados, onde os mesmos confeccionaram um calendário ecológico, quando para eles tudo está conectado e bem relacionado, como os dias em que as constelações desaparecem chega para eles o tempo da enchente.

E o mais interessante é que bem mais que modos de subsistência esse calendário está relacionado com as subjetividades e os simbolismos dos tempos marcados por rituais de passagens e xamanismos, o que evidencia muito mais suas relações com a natureza, afastando os limites da dicotomia homem e natureza.

Cabalzar (2005) resgata de seu outro livro “peixe e gente” o significado cosmológico onde no começo a humanidade era gente-peixe uma parte se transformou e formou os homens e outros continuaram nos rios formando os peixes; por isso existe entre esses povos uma relação especial comparando, segundo o autor, uma relação muito forte entre pessoas, peixes e entidades espirituais dos rios regidos principalmente pelos ciclos de vida.

Os ciclos de vida dos homens e mulheres se conectam decisivamente de todos os outros entes que forram o universo, desde as constelações no céu, os ciclos dos peixes, até o florescimento das plantas eles acreditam que tudo está relacionado. E justificam o desequilíbrio entre os ciclos que causam doenças por entidades protetoras entre peixes e animais como a cobra d’água e o espírito da floresta e precisam voltar a esse equilíbrio para não terem a alma roubada pela gente-peixe e todos os ciclos de vida no calendário ecológico possuem extrema relação interferindo diretamente com o manejo dos peixes.

É importante citar que todos esses ciclos nos ajudam a entender como a natureza de uma forma ou de outra está inserida na cosmologia ameríndia, envolvidos também nos modos de vida diferenciados. Onde os encantamentos e tabus estão sempre relacionados ou com um descumprimento das leis que regem aquele mundo em relação à conservação de seus recursos vitais da ambigüidade ou passagem do transito entre a natureza e a cultura.

Cabalzar (2005) no segundo capítulo “Gente-Peixe: Os peixes na cosmologia dos povos Tukano do Rio Tiquié” demonstra que, para os Tukanos, peixes são aqueles que não se transformaram em humanos. Por isso mantêm inveja e inimizade entre os humanos e é assim utilizando a visão de mundo desses povos é que o autor trabalha com a cosmologia, rica e detalhada pelos próprios indígenas; que orienta padrões de comportamentos e a própria atividade produtiva da pesca.

Interessante perceber que inicialmente eles abordam sempre elementos naturais que dão vida à humanidade, principalmente àquele grupo étnico específico, como por exemplo, as águas entraram na casa e a partir desse momento tudo na casa ganhou vida. Onde a primeira fase dessa representação é referente à criação da humanidade que eles dão o nome de “gente do aparecimento”, e dividem seus mundos de céu e terra em camadas como os Pirarãs fazem, na cosmologia da lua. E ainda classificam características humanas para algumas espécies de peixes como: a Piranha seria o “peixe da inveja”, o surubim o “peixe da disputa”. E enquanto isso há sempre um protetor ou Pajé que ensina a proteger dos peixes reimosos e gordurosos, pois fazem mal a saúde. E somente assim poderão ser consumidos.

Outro fator a ser considerado é a existência de narrativas míticas, envolvendo sempre sexo, amor, traição, incesto e abuso sexual. E todas essas situações envolvendo o peixe, um feitiço, uma restrição, uma ordem desobedecida ou um feitiço feito por uma mulher. Todas essas cosmologias descritas nos fazem perceber como os ribeirinhos parecem em muitos aspectos socioculturais com os indígenas, principalmente no que diz respeito ao contato direto com a natureza em aprender a pescar e a roçar cedo, mesmo em brincadeiras as crianças já aprendem a pescar. Até mesmo em relação ao imaginário quando percebemos que a mulher sempre está relacionada a alguma restrição alimentar,

principalmente quanto aos tabus como menstruação, gravidez, restrição sexual, pois é ela quem confecciona na maioria das vezes a malhadeira do marido.

Mas também, é ela que limpa e prepara os peixes, de maneira que um “outro” se transforme em algo que vai ser consumido pela família. Um exemplo claro é que no decorrer da pesquisa detectamos mulheres que acreditavam que ao “tratar” o peixe, estão limpando e cuidando para quem venha a comer não fique doente. “É como com as pessoas quando uma briga com outra fica amarga e pode até adoecer, se não tratar o peixe a gente também adoce”. Explicou uma tratadora de peixe no Terminal Pesqueiro da Panair.

Todavia, Marques (2001) nos apresenta, por meio da etnociência integrando biologia e antropologia, interações e conexões importantíssimas para entender cosmologia e evitando qualquer tipo de antropocentrismo mostrando-nos que o jogo da sobrevivência se dá por meio de bases sejam elas conectivas cognitivas ou conflitivas. E também que tanto os pescadores do Baixo São Francisco de Maritubá, local de estudo do autor, quanto outros brejeiros ou varzeiros, nomes caracterizados pelos pescadores locais, encontram-se mesmo distinguindo de suas conexões entre homens, minerais, vegetais, animais outros homens e sobrenaturais.

Essa referencia mostra-se ponto chave à luz de nossa pesquisa, para analisar várias argumentações interessantes e relevantes no que condiz do trabalho da pesca e que tomando e pensando por analogia podemos tirar grandes proveitos. Uma de suas análises é sobre o valor dos pescadores dão a pesca e indagando se pescar é trabalhar o autor, obtém as respostas: alguns pescam por que gostam e outros por que precisam o que nos ajuda a pensar na Amazônia onde a pesca é muito mais que uma profissão, mas uma atividade de grande interesse pessoal, realizada com entusiasmo por ser praticada

também como lazer, consumo tendo assim regras e restrições a serem seguidas, quanto ao uso dos rios e da própria pesca.

Ainda nos ajuda a compreender mesmo que de forma parcial a representação da atividade pesqueira para o pescador amazônico quando afirmam em entrevista aberta atributos masculinos à atividade: “para pescar é preciso força, ter coragem de enfrentar “a fera” (o peixe) e fé em Deus pra proteger dos encantados das águas”.

Marques (2001) argumenta que o discurso dos brejeiros pescadores é repleto e permeado de ambigüidade e esse modo de ser é ambíguo, pois se encontra ora na terra ora na água, perto da natureza dos rios (água) e da cultura com os seus (terra). Analiso essa distinção entre água que pertence às relações ligadas à comunidade ribeirinha ou a vida no interior e a terra representada e significada na vida desvairada da cidade, do comércio e das relações econômicas do ponto de vista das Mulheres da Panair, explicado detalhadamente nos resultados finais da pesquisa. Essa ambigüidade “dá o que falar” principalmente quando se trata dos aspectos socioculturais envolvidos no universo feminino o qual é o próximo assunto a ser referenciado.

1.3 Para dizer que ouvi e falei das flores: trabalho e sentidos simbólicos das mulheres no Terminal pesqueiro da Panair

Mas bem que ele quer ver
E ter os olhos abertos para tudo
Que propriamente se passa no mundo;
Por isso não pode prender seu coração
Com demasiada firmeza a nada de singular;
Tem de haver nele próprio algo de errante,
Que encontra sua alegria
“Na mudança e na transitoriedade”.
Humano Demasiado Humano –
Nietzsche, 1984

Para pensar analogicamente desfruto do curioso e instigante trabalho de Maués (1993) quando a autora apresenta-nos no município de Vigia no Estado do Pará a

especificidade das mulheres e de suas funções atribuídas por sexo. E ainda como homens e mulheres se relacionam nessa comunidade tipicamente amazônica, onde predomina a atividade pesqueira com fonte de renda.

As mulheres segundo a autora além de terem um papel secundário ressaltativamente, são a elas referidos as restrições e tabus alimentares, onde suas resignações mantêm o controle masculino dentro da comunidade.

A autora quando descreve a comunidade e seus mecanismos de sobrevivência e de re-significação do papel das mulheres nessa comunidade aponta interessantes situações que servem de exemplo para análise. Por exemplo, a evasão escolar entre os meninos que acompanham os pais durante o fim da infância e toda adolescência; ajuda a pensar em campo, a discussão do por que as mulheres no Terminal Pesqueiro são despachantes e fazem o cálculo da comercialização do pescado durante toda madrugada na Feira do Pescado.

Dando margens também a outros resultados de análises, onde diferente da comunidade estudada pela autora as mulheres mesmo possuindo rigorosos olhares de restrições principalmente no que diz respeito ao seu ciclo reprodutivo e a pesca elas estão lá exercendo funções que antes jamais imaginada além de cozinhando, pescando, despachando, negociando o pescado...

Maués (1993) aponta em seu trabalho que dentro dá comunidade mesmo que de forma marginal existem as “mulheres solteiras”, ou seja, as trabalhadoras do sexo, que também são atrizes sociais no Terminal Pesqueiro, onde alguns donos de barco permitem um sistema de troca de mulheres muitas vezes quando um barco que possui somente tripulantes homens e em troca além do dinheiro da pescaria algumas levam ranchos e sacolas de peixes.

Outras têm seus clientes e escolhem por eles alegando pagar bem é quando não há troca, muito interessante também perceber que muitas mulheres participam das pescarias trabalham com seus maridos e levam seus filhos pequenos evitando assim que seus maridos se envolvam com as “mulheres solteiras”.

A autora enfatiza que a mulher é um ser ambíguo por estar em constante contato com a natureza através de seus ciclos reprodutivos (cada fase da lua representa um ciclo de uma mulher) e, além disso, por reproduzir, a mulher tem contatos diretos com secreções como o sangue, o suor, por isso pertence a três ordens humanas inter-relacionadas, ou seja, a natural, a sobrenatural e por fim a social.

Entre as ordens sobrenaturais está um sistema complexo ligado à ideologia alimentar, são os alimentos classificados como reimosos ou mansos onde além de não consumi-los as mulheres precisam se afastar de lugares onde estão os encantados do fundo os lugares de domínios masculinos segundo a autora os rios, os portos e os lagos.

Fato curioso é que entre tantas restrições para as mulheres a chegada da menopausa é um alívio a elas, que para esquecerem o desgosto de serem desprezadas por seus maridos são vistas pela comunidade como “aquela que virou homem“ então elas virão xamãs e passam a exercer uma função não bem vista pela comunidade, que é a de feiticeira, talvez como uma forma de denuncia, ou por encontrar nessas funções algo que as caracteriza de alguma forma dentro da comunidade.

Maués (1993) “é boa para pensar”, nas mudanças e permanências em relações a homens e mulheres tanto em comunidades, quanto no comércio pesqueiro. Até as formas como essas mulheres recriam suas histórias não somente, ocupando espaços de trabalhos, mas desconstruindo mitos e recriando outros.

Retomo agora Strathern (1998) para pensar através de seu artigo “Novas formas econômicas: Um relato das terras altas da Papau – Nova Guiné”, onde a autora descreve o divisor contínuo de costumes entre o tradicional e o moderno, através das formas de negociar e comercializar mostra explicitamente o passado, permeado por tradições ligadas fortemente pela sociabilidade e futuro ligado as relações de comércio elencando pragmatismo e o calculismo como costumes e racionalidades do comércio.

Nesse texto ela mostra como as transformações na ilha, como a urbanização e o advento das transações monetárias, criaram novas possibilidades para as pessoas expressarem seus desejos e estabelecerem novas relações, principalmente para as mulheres.

Evidencio esses choques culturais nos resultados finais, abordando os conflitos e contradições socioculturais entre os pescadores vindos de comunidades do interior do Estado e os grandes proprietários da pesca comercial como donos de barco de médio e grande porte e/ou donos de grandes frigoríficos na região Norte.

Essa autora argumenta que é através do dinheiro que a sociedade se divide, se fragmenta e se individualiza complexificando as relações como singularidade de ação como um eterno contínuo de velho e novo vivendo misturados, ou seja, mesmo as relações comerciais não são absolutamente pragmáticas, pois passam ainda sem querer pelas relações humanas, quando a autora enfatiza que para os homens as mulheres não poderiam cuidar dos caixas, pois por seus dons de ajudar, sempre vendiam para outras mulheres pagassem quando pudessem. Fato que de comércio passava a dádiva e reciprocidade.

Enfim, para dizer que ouvi e falei das flores é que abordarei nos resultados finais, onde cada tópico representa um objetivo específico, evidenciando para isso a

experiência única de “estar lá” (GEERTZ, 1978) de sentir para depois refletir e construir por meio de etnografias que os questionamentos de pesquisa modificam-se através do trabalho de campo, por que as indagações são construídas dia-a-dia.

Isso me levou, a saber, tantas coisas sobre suas vidas e perceber que a resposta para nossas indagações científicas estão no desdobramento das relações socioculturais. Então a resposta está neles e em mim também, nas relações que estabeleço entre eles, e como me ajudaram a perceber isso e toda vez que fui a campo me percebi nas suas e nas minhas diferenças.

2 RESULTADOS FINAIS

2.1 DO PROJETO À PESQUISA: RAZÕES E PERSPECTIVAS DE SE ESTUDAR AS MULHERES DA PANAIR

No período de 2009-2010 realizei pesquisa no Porto da Feira da Panair, mas especificamente no Terminal Pesqueiro¹ e percebi as singularidades das redes de comercialização do pescado. A partir dessa pesquisa durante o tempo passado em campo percebi, ao descrevê-lo por meio das etnografias, a singularidade das mulheres, que trabalham no Terminal Pesqueiro durante a madrugada e principalmente a reação dos homens ao lidar com as mudanças de divisão do trabalho entre eles e as mulheres.

Porém sempre que realizava trabalho de campo escutava os homens falarem dos “tipos de mulheres” que existem no local da pesquisa. Mas poucas e até raras vezes, tive a oportunidade de conversar com algumas mulheres para saber delas o que pensavam e como entendiam essas mudanças nas funções de trabalho, nas redes de comercialização do pescado e até mesmo os sentidos e significados simbólicos que muitos pescadores atribuem às mulheres no mundo da pesca como perigo, agoro, panema, cuidado com os tratos de peixes considerados reimosos e a certas doenças, cuidados quanto às restrições envolvendo os ciclos reprodutivos da mulher como menstruação, gravidez e como esses ciclos interferem na pesca a partir do ciclo da lua e dos dias “bons para pescar”.

Então esses principais questionamentos iniciais, citados acima, deram forma aos objetivos específicos da pesquisa. Onde foram se aperfeiçoando ou se modificando no

¹ A pesquisa de PIBIC PIB-H/0054/2009, intitulada Observando a Panair: a pesca e suas redes sociais na Amazônia, orientada pelo Professor Doutor Gilton Mendes dos Santos, já concluída me permitiu perceber a necessidade de estudar a especificidade da mulher tanto em aspectos sociais de trabalho e comércio do pescado, quanto em aspectos socioculturais e simbólicos, onde a mesma é sempre citada.

decorrer do segundo semestre da pesquisa, quando foi realizado trabalho de campo, pois abordei no relatório parcial, fundamentações teóricas que foram e são luzes para ajudar a pensar a mulher no mundo da pesca e ainda utilizei dados da pesquisa anterior situando os primeiros contatos com as poucas mulheres que tive acesso e possibilidade de conhecer.

No tópico seguinte explicitarei alguns relatos de campo e como se dá a vida diária no Porto e no Terminal Pesqueiro da Feira da Panair, para depois evidenciar em cada subcapítulo os objetivos específicos, as discussões e resultados finais e conclusivos.

2.1.2 “MIRANTE DO COTIDIANO”: CASOS E ACASOS NO TERMINAL PESQUEIRO NA FEIRA DA PANAIR

Cada conto esconde um canto
Cada homem e mulher
tem a fé, a força e a história
pra contar pra quem quiser.
(Márcia Siqueira, 2000)

Durante os meses de Fevereiro, Março e Abril consecutivos estive realizando pesquisa de campo no Terminal Pesqueiro localizado na Feira da Panair, presenciando e compartilhando vivências e saberes, em dias ordinários (durante a semana, em diversos períodos do dia e até durante a madrugada, na Feira do Pescado e nos fins de semana) e dias extraordinários como o carnaval, a semana santa, a páscoa, bem como percebendo diferenças e semelhanças de se viver na cidade, sede de município ou capital e viver em comunidades ribeirinhas do interior do Estado do Amazonas. Diferenças essas que citarei durante os sub-itens contemplando cada objetivo específico.

Observei ainda como o tempo e o cumprimento do calendário são de suma importância e vivenciados a cada data comemorativa que diz respeito à coletividade como carnaval, com suas marcas de diversão e marginalidade, onde alguns jovens, que moram nas proximidades do Porto no bairro de Educandos, aproveitam as festas e as aparentes confusões para cometer pequenos delitos como furtos (arrastões) na Feira da Panair.

Mas o carnaval também me ajudou a conhecer e estabelecer laços de confiança com algumas mulheres que trabalham na pesca ou em barco de pesca de seus maridos. Fato que irei aprofundar com mais detalhes nos capítulos de resultados discursivos e descritivos a seguir. Ainda durante o tempo da quaresma percebi ser um período, estabelecido pelas mulheres, (aquelas que cuidam dos alimentos consumidos nos barcos

de pesca como cozinheiras, ajudante e pescadora) de restrições alimentares e jejuns quando na semana santa não se pode comer carne, somente peixe e coincide com o período de maior venda e trabalho devido à demanda na compra do pescado principalmente na cidade, quando as vendas são melhores e o trabalho é bastante intenso.

Mas se para as mulheres o tempo da quaresma é de restrições e jejuns, observado na coletividade de suas conversas no fim da tarde e ao anoitecer em frente aos barcos, para os homens é tempo de perceber a subida dos rios e a vinda das cheias com as chuvas e as “águas de Março” e encontram-se satisfeitos e felizes por saber que vão conseguir pescar sem as intempéries da seca, (para os homens o tempo ecológico de cheias e secas, se torna mais importante que o tempo social estabelecido pela coletividade, mais relevante para as mulheres) onde uma quantidade imensa de pescado é descartada ou por falta de armazenamento adequado (caixas de isopor com gelo) até a chegar ao Terminal Pesqueiro ou pela demora no tempo das viagens em decorrência das dificuldades de se transportar por meio do barco no período da seca.

Tendo em vista que, vários pescados chegam estragados ao local da comercialização e quando não reaproveitados são jogados diretamente no rio Negro ou na lixeira pública em frente ao Terminal causando fortes odores e a permanência de vários urubus que se misturam na entrada do Porto dificultando o trabalho dos carregadores que transportam o pescado até a Feira da Panair como podemos ver na **figura abaixo**.



Figura 1: Carregador transportando o pescado até a Feira da Panair.

Fonte: Pesquisa de Campo, Taciana Lima, 2011.

É interessante compreender as diferenças na percepção quanto ao tempo nas impressões das mulheres e dos homens. Além dos meses, os dias da semana também são bastante evidenciados com temporalidades próprias, por exemplo, o dia de sábado é um dia atípico no Terminal, por que contém poucas pessoas, por razão de muitas viajarem para o interior para rever a família, outros compram rancho, estivas e apetrechos de pesca no centro da cidade ou vão para a Igreja na cidade.

Quando chega a tarde esperam a presença de um Pastor evangélico que prega para eles no meio da balsa, enquanto o Pastor fala disputa seus louvores com as músicas altas de alguns barcos de pesca e dos bares em frente ao Porto, entretanto o trabalho que começa à tarde com o carregamento do pescado para abastecer a venda na Feira da Panair continua o mesmo, e é quando podemos avistar algumas mulheres que acompanham as pregações em frente a seus barcos e interagem com ele respondendo perguntas e indagando dúvidas e incertezas às vezes até existenciais como a dor da morte de um parente.

Onde se tornam momentos bastante curiosos e às vezes até cômicos quando os valores socioculturais e religiosos das pescadoras ribeirinhas, quase sempre relacionado à Igreja Católica (santos) mesclada com ensinamentos tradicionais indígenas, como banhos, rezas e curas (visagens) se chocam com os ensinamentos evangélicos do Pastor que mora na cidade de Manaus.

Um desse ocorridos foi uma briga com a senhora de Tapauá, dona Maria de Lurdes e o Pastor que não concordava com o fato de seu filho ter sido “encantado” por ter desobedecido às regras da comunidade de não pescar no dia santo de sexta-feira da paixão. O Pastor argumentava que o mesmo havia morrido e que não existem encantados, (coisa de bruxaria de índio, segundo ele pecado) mas a senhora insistia que seu filho “morreu em terra”, para “viver em água” no fundo do rio Solimões e essa complexa discussão se perdurou até o anoitecer daquele dia de sábado.

Fato esse, que muito nos faz a perceber as especificidades quando Geertz (2000) nos ajuda a pensar sobre *o saber local* e a importância do senso comum, não do jeito banal que aprendemos ser somente uma oposição ao senso crítico ou sendo mera alienação, mas entendendo como sistema cultural de interpretação do mundo e do ponto de vista dos próprios sujeitos sociais, nesse caso, as mulheres e homens que são pescadores ribeirinhos inseridos na pesca comercial, que mesmo comercializando seus pescados na cidade trazem suas bagagens culturais vindas de seus lugares de origem o que causa conflitos com quem mora em Manaus, por razão dos modos e estilos de vida diferenciados.

Contudo o dia de domingo, além de muito esperado por todos no Terminal Pesqueiro é um dia de muita alegria desde o amanhecer com músicas como bregas e boleros lembrando os tempos das senhoras e senhores antigos que moram no bairro de

Educandos e compram seus pescados na Feira da Panair até os almoços bem preparados, onde algumas mulheres se reúnem para preparar as refeições, enquanto os homens limpam a parte superior dos barcos, locais em que serão servidos os almoços.

Quando chega à hora do almoço alguns saem de seus barcos e almoçam nos barcos daqueles que prepararam as melhores refeições e convidam os outros que levam um prato ou uma sobremesa, em um ambiente de muita alegria música alta quase sempre os bregas e forró lembrando a migração nordestina intensa por todos os cantos do Estado do Amazonas durante o período da borracha e depois do intenso estímulo migratório durante o regime militar, ou pela seca no Nordeste.

Enquanto almoçam além da música alta, as conversas descontraídas, as histórias engraçadas, os apelidos, e as frases soltas tomam conta do local, há também uma separação enquanto os homens jogam baralho disputando o dinheiro da venda do pescado na feira de madrugada do dia anterior, as mulheres conversam entre elas e as crianças tomam banho, correm e brincam pelo Terminal Pesqueiro. E quando menos se espera, toda essa alegria e descontração se vão dando lugar ao marasmo, ao cansaço da sesta, aonde cada um vai para seu barco e deita em sua rede se embalando para adormecer no mormaço do calor de domingo, e o Terminal Pesqueiro parece um vazio, ou um não lugar. Como podemos ver na **figura abaixo**.



Figura 2: Vazio no Terminal Pesqueiro domingo à tarde.

Fonte: Pesquisa de Campo, Taciana Lima, 2011.

Em meio a tanto calor o tempo parece não passar, o marasmo e o cansaço são enormes, e percebi que sentir esses sentimentos de alegria, calor e interação simbólica me fez mais próxima deles e entender suas especificidades com diferenças e semelhanças a partir da minha visão de mundo como iniciante na pesquisa científica, ajuda a me perceber e conhecer na diferença delas e deles, questão metodológica que discutirei com mais profundidade nos capítulos posteriores.

Entretanto convêm destacar aqui a fundamental importância em perceber os detalhes, as entrelinhas e os significados simbólicos, principalmente quando há interação, por meio dos sujeitos da pesquisa. Muitas vezes percebi em campo como as crianças, mesmo ajudando os pais nos trabalhos de comercialização do pescado, arrumando o barco, aprendendo a calcular o preço e o peso dos peixes, elas também vivem suas infâncias brincando, tomando banhos de chuva e até mesmo me fazendo interagir devolvendo a bola ou a peteca que caiu, desenrolando o cerol do papagaio (pipa).

Assim muitas vezes me animei em campo, percebendo que essas crianças dão vida, beleza e leveza a esses lugares tão descuidados pelo Estado como o Porto da Feira da Panair e o Terminal Pesqueiro, onde os trabalhadores ressignificam seus locais de

trabalho, mesmo com o odor ou mau cheiro dos lixões da feira contendo restos de frutas e peixes estragados e ainda a orla do Terminal Pesqueiro contendo várias casas de palafitas com lixos e esgotos, toda essa questão de impacto ambiental dos Portos, ainda encontra-se com a marginalidade e tensões que existem por constantes rondas policiais em razão da venda e usos de drogas e a prostituição, fatos estes que tornam o trabalho de campo cada vez mais tenso e complexo.

Mas é através da sociabilidade e da interação com os vizinhos do barco ao lado, que as pessoas “se protegem” das adversidades de se viver nas margens do rio Negro de costas para Manaus. Um exemplo nesse caso é que o antigo bar em frente ao Terminal Pesqueiro, onde era um ponto de encontro dos pescadores de comunidades ribeirinhas e pescadores citadinos.

Esse bar era o local escolhido por eles para se reunir, conversar, beber, assistir, jogos, porém por conter também a marginalidade das casas de palafitas e os becos e vielas ligando o Porto ao bairro de Educandos o bar foi demolido pelo Programa Social e Ambiental dos Igarapés de Manaus o PROSAMIM, entretanto a sociabilidade dos pescadores continua no local, em meio a um vão demolido eles, conversam vendem peixe no espeto e churrasquinho, ou seja, o bar foi demolido, mas a sociabilidade e o ponto de encontro dos pescadores não saíram do local.

Esse exemplo mostra que além do tempo, o espaço também é de suma importância, para entender os significados simbólicos concedidos a esses trabalhadores e trabalhadoras no Terminal Pesqueiro. O que também marca suas vivências e especificidades percebendo através disso, que a vida desses pescadores é feita de detalhes, detalhes esses que me faz sentir, perceber e refletir como olhar, ouvir e escrever (OLIVEIRA, 2002) sobre as experiências que a vida ou a convivência com o

outro podem proporcionar. Mesmo difícil e desafiador, o trabalho de campo trás ao (a) pesquisador (a) iniciante, experiências e vivências únicas, que as quatro paredes burocratizadas do trabalho acadêmico nas universidades não podem propiciar.

Durante esses três meses em campo evidenciei além dessas impressões que o itinerário realizado pelos trabalhadores e trabalhadoras da pesca comercial, principalmente dos pescadores e pescadoras ribeirinhos não é um itinerário somente de deslocamento do interior para a capital, ou do campo para a cidade, mas também de modos de vida.

Por que alguns preferem trabalhar na pesca comercial que vender seus pescados por um preço determinado pelo atravessador ou regatão, que hoje aparece em outras faces, como por exemplo, na figura atual do dono de frigoríficos de Manacapuru ou donos de viveiros. Esse itinerário acima citado é marcado não somente pela chegada no Terminal Pesqueiro, mas por dois portos, o da saída das cidades de origem e o de chegada para a Feira durante a madrugada.

Contudo, *mirando o cotidiano* no Terminal Pesqueiro e percebendo tipos de sociabilidades e modos de vida diferenciados, aprendi um pouco do que é viver ou estar ali, compreendendo que etnografar a vida de um grupo social é também etnografar e começar a incluir seu mundo, contemplando as partes para melhor compreensão do todo, daí o desafio das ciências humanas de confrontar as nossas diferenças e perceber semelhanças com os sujeitos que pesquisamos.

O que aumenta o desafio e o aprendizado glorificado a cada dia, a cada encontro ou campo realizado, a cada palavra escrita no relatório de pesquisa. Por entender que “os olhos são as janelas da alma”, os olhos que desvendam o mundo, para depois etnografar,

podem também ser janelas recíprocas da cultura, da sociabilidade, dos sentidos desvendados a cada experiência, pois além de estar lá, fazer campo é também se descobrir na diferença do outro.

Nos capítulos seguintes abordarei os resultados finais, desvendando cada objetivo específico da pesquisa, sempre evidenciando, para isso, a metodologia utilizada, os autores que nos ajudam a pensar cada resultado, dados qualitativos (etnografias e fotografias) e outros que nos ajudam a perceber por meio de esquemas (fluxogramas e/ou tabelas) a organização da comercialização do pescado, agora pelas mulheres, mas que não possuem enfoques metodológicos mais aprofundados, quanto à interação adotada por meio das etnografias, utilizados somente para ilustração e explicação dos resultados finais.

Explicitarei também mudanças e permanências na pesquisa por razão do trabalho de campo, que muda nossas perspectivas hipotéticas durante a elaboração do projeto. E nos mostra a realidade de acordo com a ação dos sujeitos envolvidos, contemplando suas formas mais diversas de sociabilidades.

2. 3. MAPEANDO MUDANÇAS E PERMANÊNCIAS DE FUNÇÕES E PAPÉIS SOCIAIS DO TRABALHO DE HOMENS E MULHERES NO TERMINAL PESQUEIRO

Nos caminhos desse rio
muita história pra contar
navegar nessa canoa
é ter o mundo pra se entranhar.
(Márcia Siqueira, 2000)

Ao elaborar o relatório parcial no primeiro semestre da pesquisa, descrevi hipoteticamente como percebia a mudança de costumes em relação à divisão de trabalho por sexo, ou seja, como homens e mulheres dividem suas funções sociais no mundo da pesca. Discorria no referido relatório, que de acordo com Witkoski (2007) em seu capítulo sobre as “águas de trabalho” o homem realiza seu labor no espaço de fora, com a pesca e a caça, enquanto a mulher permanece no espaço de dentro, com outras funções atribuídas como cuidar do preparo dos alimentos, da casa e da educação dos filhos.

A partir dessa perspectiva observava as mudanças das funções, percebendo a mulher agora no espaço de fora, seja pescando ou comercializando durante a madrugada na Feira do Pescado. Contudo, na minha perspectiva inicial entendia que as mulheres haviam saído do espaço de dentro, para partilhar com os homens, o espaço de fora. E entendia que essa divisão (dentro e fora) estava se encerrando no mundo da pesca, por conta da comercialização e dos modos de produção que transformava de forma mecânica (Durkheim, 1893) a relação dos pescadores e pescadoras com o mundo mítico e de sentidos simbólicos inseridos em comunidades ribeirinhas.

Entretanto, ao realizar a pesquisa de campo, logo nos primeiros dias de contato percebi que minha hipótese estava equivocada, e que na realidade as mulheres mesmo trabalhando na pesca comercial, preservam e permanecem no espaço de dentro, ou seja,

seu espaço de dentro, suas casas, passam a serem os barcos de pesca. Como se pode perceber na **fala de uma pescadora**, uma dos primeiros contatos que fiz, durante o trabalho de campo:

[...] O que a gente faz mais, quando vem vender peixe na capital, é cuidar da parte de dentro, por que é como se o barco fosse o nosso canto, como a nossa casa. A gente tem saudade de casa, das nossas coisas, quando o barco não é nosso aí é que fica pior mermo. Ter que cuidar e usar as coisa dos outro. [...] (R. S.C; 35 anos; pescadora ribeirinha; Lago do Janauacá; pesquisa de campo, 2011)

Por razão das mulheres permanecerem no espaço de dentro é que percebi a complexidade de realizar a pesquisa de campo, principalmente como me comunicar com elas, pois se o barco pesqueiro representa para elas sua casa, me perguntava como chegar até elas sem ser inconveniente ou usar de violência simbólica. Achei a resposta por meio da observação participante, durante o período do carnaval, observei que muitas mulheres saíam, algumas para as festas e blocos de rua, no bairro de Educandos, outras para fazer compras, ir a Igreja ou visitar parentes na cidade...

E entre uma saída e outra, comecei a conhecê-las, fazer contato, uma senhora me apresentava para outra e assim me inseri entre elas. Sempre lembrando que o tempo e o espaço são de suma importância para entender o mundo da pesca, permaneci em campo os mais diversos horários, porém o horário de maior interação era no final da tarde, onde as mulheres se reuniam em frente aos barcos para conversar, interagir umas com as outras e cuidar dos filhos pequenos. Como podemos ver na **figura abaixo**:



Figura 3: Mulheres conversando no final da tarde.

Fonte: Pesquisa de Campo, Taciana Lima, 2011.

Assim, a cada dia vivendo entre elas e escrevendo etnografias observava e ouvia sobre as suas funções, o que permanece e o que muda no mundo da pesca ribeirinha, agora inserida na pesca comercial. As mulheres pescadoras que vêm com seus maridos em barcos de pesca de pequeno porte, ou seja, que são independentes dos donos de barco, em suas produções na comercialização do pescado, quase sempre vêm com a família e trazem suas filhas, que aprendem mesmo brincando a ajudar seus pais na pescaria, remando a canoa, puxando e/ou costurando a malhadeira para a pesca de peixes maiores.

As mulheres também ensinam para suas filhas que cada peixe tem uma forma bastante peculiar de respirar, de movimentar quando se sente ameaçado, confessam que algumas mulheres têm tanta percepção com ouvidos, nariz e olhos apurados, que vão para pescaria somente para enxergar os peixes ou cardumes e dizer a direção da canoa para os outros pescadores.

Mas durante os dias que permanecem dentro dos pequenos barcos de pesca no Terminal Pesqueiro as funções dessas mulheres pescadoras ribeirinhas é como cuidar de

uma casa, lavar, cozinhar, arrumar o barco, cuidar das crianças... No entanto, quando chega à madrugada por volta de duas horas é que se começa a perceber as mudanças em suas funções como organizar, separar, contar e fazer a administração do pescado que é vendido por toda madrugada, atribuições essas que detalharei no capítulo seguinte sobre a rede de comercialização do pescado envolvendo assim seus ofícios.

O trabalho dessas mulheres vindas de comunidades ribeirinhas passa ser árduo quando estão no Terminal Pesqueiro, pela rotina durante a madrugada, com o cálculo do pescado dormindo pouco e trabalhando em afazeres domésticos de manhã, dormindo durante a sesta, depois do almoço preparado por elas, pela tarde conversam e sociabilizam suas vidas com outras mulheres, assistem novelas ainda cuidam das crianças, jantam seis horas da tarde e dormem para assim acordarem duas horas da madrugada e começar essa rotina novamente no dia seguinte.

É interessante perceber como os homens percebem o trabalho de suas esposas no Terminal Pesqueiro, mesmo apontando diferenças entre as funções evidenciando que quando o trabalho exige força, dependendo da espécie e do tamanho do peixe capturado a pesca é para homens, por exemplo, quando há a prática do arrastão. Mas já se sente em suas falas uma maior aceitação quanto ao trabalho das mulheres na pesca, é o que podemos observar no **discurso de um pescador autônomo** (pescador ribeirinho dono de seu próprio barco de pesca):

[...] A mulher hoje em dia faz quase de tudo igual o homem só é diferente, por que ela faz com mais cuidado e carinho, por que tem o dom de cuidar dos filho e cuida das coisa que nem filho. Por isso que é bom quando tem mulher é por que elas vê as coisas que os homem não vê. [...] (F. C. R; 45 anos; dono de barcos de pequeno porte; Tapauá; pesquisa de campo, 2011).

Porém essa percepção de que as mulheres vêm, o que os homens não vêm por causa de seus dons para cuidar são bem mais explícitas e evidentes de pescadores vindos de comunidades ribeirinhas, ou seja, os trabalhadores citadinos da pesca comercial caracterizam de uma forma mais pragmática a comercialização do pescado, para esses, todos trabalham de forma igual sem muitas atribuições ou restrições.

Como exemplo, posso citar os trabalhadores do barco Frigorífico de Manacapuru, FRIGOPESCA, pois quando trabalham na descama do Pirarucu, de acordo com a demanda estipulada pelo comprador negociado com o dono do frigorífico, todos do barco trabalham, desde a cozinheira até a gerente administrativa, passam até um dia inteiro descamando e descartando a escama, as vísceras e o couro do Pirarucu, todos lançados ao rio Negro mais especificamente na Orla do Porto, servindo de alimentos para outros peixes, urubus e aves.

Esse trabalho dura dias até o estoque terminar, todos do barco trabalham de forma frenética seja no sol das três horas da tarde, quando os outros dos barcos de pequeno porte ainda embalam-se nas redes dormindo na hora da sesta, ou ainda durante as chuvas torrenciais nos meses de Fevereiro e Março durante o começo da cheia dos rios.

Conversando com esses trabalhadores e trabalhadoras do frigorífico eles disseram que mesmo morando na cidade de Manacapuru reconhecem que o dono do frigorífico ganha muito na compra barata dos pescados de pescadores ribeirinhos que dispõem de seus próprios recursos como os meios de transporte seja de canoas ou rabetas (canoas motorizadas) para vender ao dono no Terminal Pesqueiro de Manacapuru.

Salientaram ainda que esses pescadores ribeirinhos além de não trabalharem em grande escala como os frigoríficos, passam a ver o dono como um novo regatão,

também compartilhando formas de dependências afetivas, por exemplo, dando ajudas, apadrinhando filhos de pescadores, entre outros favores, que não são somente comerciais ou econômicos pagando dívidas, mas também socioculturais, e até merecem ser estudados em outras pesquisas.

Em suma, no esforço de tentar esboçar o mapeamento dessas mudanças e permanências entre funções de trabalho de homens e mulheres, percebi que mesmo ainda inserida no espaço de dentro, se responsabilizando pelas tarefas desempenhadas no barco de pesca, durante a madrugada as regras passam a ser da comercialização, da economia de mercado do peixe na região, onde as mulheres que sabem calcular, administram as vendas, transformam pesos e medidas, negociam com o despachante evitando assim, brigas e confusões durante as madrugadas geladas da Feira do Pescado no Terminal.

No capítulo seguinte abordarei essas funções determinadas pela comercialização na Feira durante a madrugada e as tessituras das redes sociais, que hoje também incluem as mulheres nos diversos tipos de papéis desempenhados na negociação do pescado.

2.4 IDENTIFICANDO AS REDES SOCIAIS DE MULHERES TRABALHADORAS NO CIRCUITO DE COMERCIALIZAÇÃO DO PESCADO

Na pesquisa anterior a essa de renovação, caracterizei e descrevi a comercialização do pescado durante a madrugada das três até as sete horas da manhã, citando cada ator social envolvido nesse processo contendo pescadores, donos de barco, despachantes, comerciantes, carregadores, compradores e feirantes (distribuidores) das mais diversas feiras espalhadas pelas quatro zonas da cidade.

Agora nesta nova pesquisa explicitarei essa mesma Feira do Pescado, entretanto enfocando o trabalho das mulheres durante toda madrugada, bem como suas funções e atribuições no mundo da pesca. Mesmo ciente de que o trabalho no Terminal Pesqueiro é proveniente da pesca comercial, entendo que sem a presença importante e notável das pescadoras é inviável a comercialização.

Isso também vale para as pescadoras ribeirinhas vindas no barco de pesca de seus maridos, que ensinam suas filhas a perceberem e serem sensitivas para observar cada especificidade dos mais diversos peixes. Elas me confessaram que assim como os homens as mulheres pescadoras também têm seus segredos e mistérios da pesca, de forma diferente dos homens elas percebem às vezes pelo cheiro se vai chover, ou se tem mulher menstruada no barco de pesca, para preveni-la dos perigos de pescar nesse período, pois assim como elas, os botos também sentem o cheiro e dificultam a pescaria de canoa.

As pescadoras explicam que desde quando os homens saíram das comunidades ribeirinhas para trabalhar em barcos de pesca comercial, viajando de um porto a outro,

as habilidades das mulheres para pescar confeccionando seus próprios instrumentos de pesca (costurando malhadeiras) foram se aperfeiçoando cada vez mais. Assim como a interação e trocas de saberes entre elas, pois como seus maridos passavam muito tempo viajando, elas aprimoraram também a polivalência, ou seja, trabalhando em várias atividades, cuidando da roça, plantando, coletando produtos extrativos, também pescando, para consumo da família e somente quando havia peixes em excesso é que comercializavam ou trocavam entre elas.

Porém, as mulheres ganham espaço na pesca comercial devido os conflitos nas comunidades ribeirinhas, quando elas próprias enfrentam os pescadores citadinos vindos “de fora”, os forasteiros como nos lembra Ingold (1988) em barcos pesqueiros de médio e grande porte que praticam a pesca de arrastão, capturando peixes grandes e eliminando peixes menores que são descartados e acabam morrendo.

Por isso muitas dessas mulheres pescadoras ribeirinhas além de serem pescadoras, durante o período que passam na cidade dentro dos barcos no Terminal Pesqueiro praticam funções que também desempenham em suas comunidades como ser cozinheira do barco, cuidar das crianças e de toda organização do barco pesqueiro.

Todavia, quando vem à madrugada outras personagens entram em cena como a figura das donas de barco que administram os barcos de pesca algumas sozinhas outras com a ajuda de seus maridos, compram o gelo, o diesel e até os instrumentos de pesca para pescadores contratados ou “parceiros” vindos de comunidades do interior do Estado, ou seja, quando donas de barco se responsabilizam por toda logística para a atividade da pesca comercial a ser executada e finalizada na venda durante a Feira do Pescado.

Enquanto as donas de barco fornecem os equipamentos necessários da pesca comercial, as pescadoras dentro dos barcos separam a quantidade e a espécie de pescado que serão vendidas. As outras administradoras (ou balanceiras, como elas se identificam) negociam e fazem o papel dos despachantes fazendo cálculos, transformando pesos e medidas, o peso do pescado vendido, pela quantidade vendida para chegar ao preço. Todo o pescado vendido é conferido e anotado em seus cadernos de vendas, tanto para consumidores diretos, quanto para feirantes e comerciantes da cidade.

Interessante perceber que durante a Feira de madrugada até os compradores hoje são mulheres, conversei com uma jovem que discorreu sobre suas duas profissões, disse que durante o dia é assessora de um político local e durante a noite consumidora e distribuidora de pescados para fornecer restaurantes, cozinhas industriais e *merenda* nas escolas Estaduais em Manaus e ainda salientou que, ganha com o comércio do pescado somente quem tem recursos financeiros para investir, pois são muitos custos, concorrência e trabalho, para poucos recursos, o que remete em pouco lucro.

Diferente das vendas de barcos de pequeno porte, onde os peixes são despejados dentro de barracas, alugadas para uso, nos barcos Frigoríficos os funcionários vindos da cidade de Manacapuru possuem barracas próprias e negociam principalmente com compradores como a jovem acima, que compra peixe em grande quantidade para fornecer outros locais na cidade.

O Frigorífico que tive acesso foi o já citado no capítulo anterior FRIGOPESCA, administrado por uma mulher, a Dona Graça que fala sempre com orgulho e alegria poder ser responsável e administradora de um dos maiores Frigoríficos de Manacapuru, mesmo confessando sentir saudade de sua família em outro município e ainda explicitou

em sua história de vida, um argumento curioso, que já havia percebido na pesquisa anterior já concluída, a importância que as mulheres dizem dar aos estudos.

Contou que morava na comunidade e estudava na cidade e as dificuldades de acesso ao transporte eram muitas, principalmente no tempo das cheias e secas extremas, entretanto disse migrou para a cidade por que sua mãe sempre a deixou estudar, alegando que era a única mulher na família.

E estudando na cidade de Manacapuru aprendeu a fazer contas o que facilitou seu trabalho na contabilidade do pescado, disse que começou cozinhando, limpando o barco, tirando e colocando gelo no frigorífico e depois foi ganhando a confiança do dono e hoje é a sua representante no Terminal Pesqueiro de Manaus, trabalhando no frigorífico há quinze anos.

Fato curioso é observar que exatamente às três horas da madrugada, várias mulheres jovens trabalham como despachantes maquiadas, bem vestidas com roupas justas e coladas e até com salto alto, em plena balsa molhada pelos pescados descongelados nas barracas, para serem vendidos. Então ao perceber esses detalhes, entendo que essas mulheres ainda preservam os toques femininos de arrumarem-se para trabalhar durante a madrugada.

Além daquelas que decorrem do interior do Estado para o Terminal Pesqueiro, outras mulheres são oriundas de Manaus moram no bairro do Educandos, outras em bairros próximos, alugam barracas da Colônia de Pescadores para vender café, guaraná, açaí, sopa, jantas e merendas as mais diversas e vendem aos trabalhadores e consumidores na Feira do Pescado, algumas vendem sacolas de feiras confeccionadas algumas de plástico e outras de estopa ou fibras como a juta.

Segundo Magalhães (2009) o bairro do Educandos (morram algumas mulheres “merendeiras”) onde está localizado o Terminal Pesqueiro, é um bairro essencialmente de camadas populares. Está inserido na Zona Sul de Manaus e faz divisa com os bairros de Santa Luzia, Cachoeirinha, Colônia Oliveira Machado, Praça 14 de Janeiro e São Lázaro. É o que podemos perceber no **mapa abaixo**:



Mapa 1: Localidade do bairro de Educandos e bairros vizinhos.

Fonte: Pesquisa no Google, Taciana Lima, 2011.

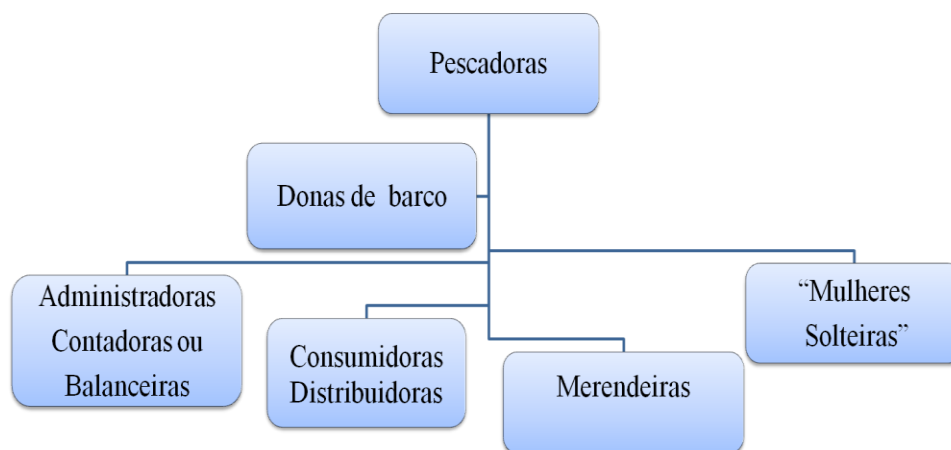
Essa breve caracterização torna-se importante quando se pensa que muitas dessas mulheres que moram na cidade, também trabalham e tiram seu sustento e de suas famílias no Terminal Pesqueiro. Convém apontar também que o Porto onde está situada a Feira da Panair e o Terminal, é um local bastante inseguro com casas de palafitas e de madeira em áreas de encostas, correndo o perigo de desabarem em dias de fortes chuvas.

Ainda a margem do rio Negro e da cidade metropolitana de Manaus está o Terminal e o Porto ao redor caracteriza-se pela marginalidade de feirantes, estivadores, carregadores, pescadores, meninos de rua, jovens que cometem furtos na Feira para o

consumo de drogas e finalmente as profissionais do sexo ou como os pescadores as chamam, “mulheres solteiras” que causam muitos conflitos e até brigas, com as mulheres de pescadores ribeirinhos, pois muitas delas entram em diversos barcos de pesca dentro do Terminal Pesqueiro trocando seus serviços por dinheiro, sacolas de peixes, rancho e às vezes bebidas e drogas.

Onde pude presenciar várias vezes essa prática no começo da noite até a hora da Feira durante a madrugada. Fato natural para os pescadores e donos de barco que viajam somente entre homens e passam até meses viajando para chegar até Manaus, no entanto constrangedor para as famílias de pescadores e pescadoras de comunidades ribeirinhas inseridas na pesca comercial.

A partir dessas definições organizei o seguinte esquema ilustrativo em forma de fluxograma, contendo cada função das mulheres que acabei de descrever em forma de texto por meio das etnografias e diários de campo:



Fluxograma 1: Atrizes sociais inseridas na rede social da comercialização do Pescado

Fonte: Pesquisa de Campo, Taciana Lima, 2011.

Tendo em vista as definições quanto às funções sociais na rede de comercialização no Terminal Pesqueiro, finalizo observando, que muitas pescadoras e pescadores ribeirinhos mesmo inseridos na pesca comercial conservam a visão mítica e até mística de se viver na Amazônia, como abordei os ensinamentos de segredos e mistérios da pesca as suas filhas. Percebi o esforço dessas mulheres dentro do barco, em sair do espaço de dentro (barco de pesca) e vir para o espaço de fora na Feira de madrugada anotar, vender, contar, pesar, fazer nota e conta, enfim negociar com o despachante, tornando o peixe mercadoria.

Como no desabrochar de uma flor, a mulher sai do espaço de dentro (o barco) para o espaço de fora, nas madrugadas frias, quentes, enluaradas ou chuvosas para o mundo da comercialização do pescado como mercadoria. Assume suas habilidades administrativas, organizadas, ou mesmo de tirar o pescado do depósito e separar para as bancas e trabalham, vendem, ou seja, trabalham mais que ajudam se organizam e vivem suas vidas entre o Rio Negro (em água) e o Porto (em terra).

Essa questão entre estar em água e em terra será explicitada no capítulo seguinte. Assim como as idéias e representações dos sentidos simbólicos que envolvem as mulheres pescadoras ribeirinhas, como o trato dos alimentos o fenômeno da reima e na pesca com a panema, levando em consideração os modos e estilos de vida diferenciados daquelas mulheres vindas de comunidades ribeirinhas e aquelas que trabalham no Terminal Pesqueiro e moram em Manaus.

2.5 DESVENDANDO REPRESENTAÇÕES E ASPECTOS SIMBÓLICOS ENVOLVENDO AS MULHERES EM MODOS E ESTILOS DE VIDA DIFERENCIADOS

 Todos os mistérios
Dessa mata e dessa água
 Que esse povo usa
 Pra espantar a mágoa
 Pra sobreviver
 Enfrentar a dor
 O azar, a sorte
Desgraça e o amor
(Márcia Siqueira, 2000)

Neste último capítulo discorro sobre o objetivo específico três que buscou evidenciar idéias entre representações e aspectos simbólicos que envolvem as mulheres pescadoras ribeirinhas, vindas de comunidades do Interior do Estado, entre comercializar e ressignificar suas vidas e de suas famílias, quando passam a trabalhar na pesca comercial.

Explicitarei além de aspectos simbólicos sugeridos no objetivo específico três, como cuidados alimentares no caso da reima, também entre restrições de comportamentos como a panema, os estilos de vida diferenciados de quem vêm do interior comercializar na cidade e como elas mesmas pensam, percebem e sentem essas mudanças. Percebem também a relação da cidade e do Porto da Feira da Panair com espaço da terra, enquanto o Terminal Pesqueiro torna-se, para elas, o espaço da água, assim através desse dado de pesquisa, construirei argumentações a partir de suas vivências dos perigos de se “viver em água e em terra”.

Quanto aos modos e estilos de vida diferenciados esboçarei sobre as distinções de meninas que são mães de família, a partir dos quinze anos de idade, ou seja, não passam pelo período da adolescência como na cidade. Descreverei como elas se sentem o que

pensam, identificarei seus modos específicos e singulares de contar suas histórias de vida e trabalho remetendo-se sempre à família e ao tempo social ou que viveram entre as instituições que regem suas sociabilidades como família, religião, ou mesmo fatos importantes em seu marcos históricos como quando casaram, quando tiveram seus filhos, quando começaram ou pararam os estudos, quando entraram, saíram ou mudaram de Igreja ou religião.

De forma diferente os homens atribuem ao tempo ecológico, ou seja, determinam e contam suas histórias sempre se referindo ao ocorrido em determinado espaço ou território, pelas florestas e principalmente pelos rios com tempos de cheias, secas, vazantes e enchentes e ainda pelo ciclo ou fases da lua, que segundo eles estão de acordo com os ciclos reprodutivos das mulheres, o que caracteriza a definição da panema e as atribuições do tempo melhor para se pescar.

É importante começar este ultimo capítulo descrevendo aqueles primeiros dias idos a campo, quando percebia que as mulheres permaneciam no espaço de dentro que seria o barco de pesca, então em meio a muitas dúvidas de como abordá-las de modo mais interativo e menos violento, percebi que seria tarefa difícil, pois as mulheres, principalmente as pescadoras ribeirinhas são sempre contidas, algumas tímidas e caladas, não são como os homens que quando percebem minha presença mexem, assobiam, alguns cumprimentam outros até cantam das formas mais variadas possíveis.

Então foi a partir da observação participante e do uso desse método que o “gelo foi quebrado”, alguns dias antes do Carnaval no final da tarde, quando algumas crianças brincavam na chuva e suas mães também as vigiavam, algumas aproveitavam para carregar calções e baldes contendo água retirada da Fábrica de Gelo, em frente ao Terminal Pesqueiro, as crianças corriam, gritavam, enquanto eu acompanhava as

mulheres e algumas vezes eu ajudava a carregar os galões e baldes, e assim conheci algumas senhoras que me apresentaram para outra.

Quando as mulheres terminaram de carregar baldes d'água também brincaram com as crianças de tomar banho na chuva e percebi que somente quando entrei na brincadeira é que as mulheres me perguntaram quem eu era, o meu nome, de onde era ou de onde vinha minha família e foi nesse momento respondendo tantos questionamentos e indagações que percebi minha entrada em campo, ou como diria Magnani (1984) em sua "Festa no Pedaco", um rito de passagem, pois a partir desse dia sempre que chegava a campo era recebida com um sorriso pelas crianças, acenos e cumprimentos pelas mulheres, o que facilitou à pesquisa como um todo.

Depois de ocorrido esse fato eu comecei a conversar e entrevistar algumas mulheres pescadoras que explicaram sobre as restrições ou proibições quando vem o tempo em que as mulheres não podem costurar ou passar perto das malhadeiras, nos períodos de menstruação e gravidez, mas salientaram que hoje em dia com o advento da pesca comercial algumas mulheres vão para pescaria mesmo grávidas, outras por estarem menstruadas, segundo elas, chamam atenção dos peixes que sentem o cheiro do sangue, atraindo outras espécies dos rios como o boto e os encantados, pois moram no fundo dos rios.

Essas primeiras afirmativas me ajudaram a perceber, esses processos de modos e estilos diferenciados de vida e como são complexos por não estarem dados, definidos, fixos e enraizados, ou seja, as mudanças ocorrem inseridas ao modo de produção capitalista nas mais diversas culturas e modos de ser, agir, pensar e sentir e mesmo inseridas no comércio pesqueiro com funções diversas, mas ressignificadas, não deixam de conter os mistérios, segredos e encantamentos, herdados pelos povos ameríndios e modificados com a influência colonizadora aos ribeirinhos e pescadores.

O mais curioso nesses primeiros contatos é que quanto mais me aproximava das mulheres, mais os homens percebiam-me como alguém estranha no meio deles. Esse estranhamento de suas partes resultava em cantadas, risos soltos e às vezes em constrangimentos, como brincadeiras e palavras sutis, outras até grosseiras. Essas atitudes por parte dos homens me fizeram perceber que seria também um modo de se inserir no meio da pesquisa e foi aí que comecei a ouvi-los sobre o que pensavam em relação às mulheres.

Ouvindo o que os homens pensavam sobre as mulheres aprendi bastante sobre seus modos de vida e significados simbólicos, principalmente das mudanças a partir do processo de comercialização que torna o peixe, em pescado (produto para venda). Por exemplo, um dos donos de barco que conheci e entrevistei afirmou sobre a perda da crença nos mistérios da pesca, como o poder da mulher em colocar panema no homem quando desobedece a restrições como deixar de pescar ou costurar malhadeiras.

Isso por que na pesca comercial, deis da hora em que se começa a pescar em grande escala, ou a praticar a pesca de arrastão, todos estão pensando nas dificuldades do trabalho ou no que farão com seus pagamentos, quando chegarem ao Terminal Pesqueiro, gastar e comprar bebidas, ou sair com mulheres. Assim alegou que é mais fácil acreditar “nessas coisas”, quando o pescador vem com a família de comunidades ribeirinhas ou de comunidades de pescadores. Interessante perceber de um pescador vindo da cidade sobre a noção da panema, enquanto ou dos mistérios da pesca:

[...] Panema é que nem essas teoria que vocês (cientistas) inventa, por que teoria mermo é essas coisa que pode provar ô não provar. Tudo que o homi pensa sobre as coisa é teoria, mas é diferente de reza que vem de Deus pra pedir graça, diferente de feitiçaria que é um mal que se quer pra fazer pra alguém pra se vingar, esses dois tão misturado daquelas macumba, daqueles índio feiticeiro que cura as doença no meio do mato. [...] (E. O. S; 28 anos; pescador citadino; Lábrea; pesquisa de campo, 2011).

Dizeres como esses mostra como mesmo inseridos na comercialização do pescado esses atributos simbólicos e significativos, ainda ganham força em seus discursos, talvez por influências daqueles que formam a tão polêmica e complexa *identidade cabocla* ou *mestiça*, que não vale ser explicada nesse momento de discussões finais, mas que dá margem para outros projetos de pesquisa, dentro do campo científico das ciências sociais, bem como antropologia e sociologia.

Outro contato que tive com os homens em campo foi quando um grupo de missionário realizou um trabalho de campo entrevistando (através de questionários) os pescadores sobre suas crenças religiosas, onde percebi a vontade de evangelizá-los que os missionários ainda possuem e as nossas diferenças metodológicas de pesquisa, entre realizar aplicação de questionários e a observação participante com o uso do diário de campo e as etnografias.

Ainda observei que para os missionários as crenças em visagens como seres encantados, panema e reima, assim como a lua, os peixes e essas relações de sentidos simbólicos, fazem parte apenas do imaginário dos pescadores ribeirinhos, pela influência de comunidades indígenas e pela relação com a floresta e os rios.

Entretanto, eu diferente deles percebo em campo (e agora refletindo sobre ele), que os sentidos e significados simbólicos, assim como os objetos materiais de existência são repletos de sentido quando mergulhados nas relações sociais, que segundo os antropólogos transformam ciclo naturais, em ciclos sociais de vivências compartilhadas e não apenas imaginários.

Entendo, por exemplo, no caso das grandes secas, alguns pescadores antigos (vindos de comunidades e escolhidos por pescarem bem), explicam que a seca ocorreu devido

uma resposta “daqueles que moram no fundo” dos rios amazônicos, ou seja, uma forma predativa dos homens em seus grandes barcos de pesca é respondida pela natureza, segundo os pescadores, por seres encantados que trazem a seca respondendo a própria forma predativa que os ameaçam.

Vários incidentos acontecem (como as histórias dos encantados que “morrem na terra” para “viverem na água”) porque no meio deles não existem divisões ontológicas entre natureza e cultura, isto é, essa divisão, classificação e dualismo das coisas foram dados a partir da ciência moderna ocidental.

Porém o saber local existe e mantém seus próprios mecanismos de classificação, se relacionando socialmente, obedecendo a regras de comportamento, como respeitar os ciclos da lua que corresponde aos ciclos reprodutivos das mulheres e não pescar durante a gravidez ou a menstruação.

Esse saber local dos pescadores ribeirinhos também tem um enfoque maior quanto à partilha de alimentos, quando no domingo acontecem os almoços nos barcos, observo aqueles que antes não se falavam se aproximam e a convivência na troca de comidas ou pratos produz intimidade e até identidade, não só corporal, mas também afetiva e moral.

Noto ainda entre as funções e atribuições diferenciadas por sexo, como os homens controlam e estão à frente de tudo que diz respeito à política, liderança, comando e até morte dos peixes, enquanto as mulheres cuidam das outras pessoas produzem e mantêm a vida e sua ordem social das mais diversas formas, através da gravidez e até evitando brigas, entre os negociantes de venda e os donos de barco, quando anotam toda contabilidade do pescado em seus cadernos de vendas ou cuidando do procedimento e trato dos alimentos quando cozinheiras.

Daí a importância das mulheres, em narrativas entre mitos e contos amazônicos, onde as mães das águas e dos peixes que cuidam dos rios e encantam os predadores ou aqueles que desobedecem ou vão contra as regras, mantêm o mesmo papel das mulheres pescadoras, as quais entre suas múltiplas funções cultivam a ordem de seus mundos e grupos sociais. A mulher passa a ser esse símbolo de sustento ou suporte do núcleo família, principalmente quando algumas alegam que vão pescar e comercializar o pescado com seus filhos, para que o marido se torne responsável, não busque outra família e veja os filhos crescerem.

O que mais me chamou atenção quanto ao tempo social das mulheres pescadoras ribeirinhas foi perceber que, em algumas comunidades do interior do Amazonas não existe esse tempo da vida de adolescente como no mundo urbano. Quando passei o período do carnaval em campo conheci a Mariana da Silva uma senhora casada e grávida de oito meses que tinha quinze anos de idade. Abaixo explicitarei uma etnografia realizada durante o período de carnaval em campo:

Mariana disse que era uma menina-mulher e entre tantos silêncios em nossa conversa percebi sua face muito séria e disse que iria brigar com seu marido de dezessete anos que havia saído para o bar “em terra” e gastar o dinheiro do pagamento da pescaria com bebedeiras e mulheres, dizendo que se sente mais segura “em água”, dentro do barco que no porto, diferenciando esses dois espaços terra e água para explicar as incertezas da fronteira entre o interior e a cidade que é o Porto localizado no Terminal Pesqueiro na Feira da Panair.

Ela confessou que estava muito feliz em estar esperando uma menina, pois iria brincar com sua filha, e viver um pouco mais da sua infância. Isso por que cuidou de seus irmãos e quando “virou moça” logo casou e sempre trabalhou, disse não ter tempo

para ser criança. Notei sua agilidade em se portar e trabalhar, enquanto conversava comigo, fazia vários esforços e arrumava o barco de pesca, com dedicação.

Contou com muita alegria da parteira que rezava em sua barriga e lhe ensinava sobre as restrições quanto à gravidez e o resguardo não podendo comer nenhum tipo de peixe liso ou pirarucu considerados reimosos, durante há primeira semana somente galinha caipira e ressalvou que se não houver, por falta de dinheiro da família ou por não estar na comunidade, convém à galinha congelada comprada no mercado para ser servida durante as primeiras semanas de resguardo.

Enquanto conversávamos em frente ao barco de pesca recebi várias cantadas dos homens que por ali passavam pensei muitas vezes em ir embora, mas nossa conversa era importante para a pesquisa e não sabia muito como agir, ir ou ficar me causava muita aflição foi quando me lembrei dos ensinamentos de Foote Whyte (2005) onde aborda que o pesquisador aprende com os erros que comete em campo e deve ao máximo tirar proveito deles por fazerem parte até dos dados e aprendizados da pesquisa, foi o que me motivou a terminar nossa conversa até onde ela foi produtiva e ir para casa refletir e escrever minhas experiências em campo.

Enfim, apreendo que pesquisar as *mulheres da Panair* me fez perceber vários aspectos que dizem respeito às ressignificações de seus sentidos simbólicos e mais que isso as permanências desses modos de vida em comunidade e da bagagem cultural trazida do interior mesclada no Terminal Pesqueiro, local de comercio e de sociabilidade. Elas mantêm suas atividade, por exemplo, quando dão banho nos filhos, lavam roupa, louça e tratam os peixes que serão refeições na popa dos barcos como se a mesma se transforma em um jirau e o rio Negro o quintal de suas casas, nesse caso os barcos pesqueiros de pequeno porte.

E por entenderem a terra e o rio como lugares distintos, sentem-se tão seguras “em água” que vão ao centro da cidade de canoa motorizada ou “rabeta”, onde compram rancho e utensílios de pesca, ou seja, acabam por conhecer partes da cidade que não conhecemos como as casas flutuantes² e de palafitas que ainda assim encontram-se de costas para o rio Negro. Esse deslocamento pode ser observado na **figura abaixo**.



Figura 4: Mulheres utilizando meios de transportes fluviais.

Fonte: Pesquisa de Campo, Taciana Lima, 2011.

Ao atingir os referidos resultados de pesquisa não posso deixar de levar em consideração as trocas, as interações de saberes que permearam toda pesquisa de campo, desde o carnaval até a páscoa quando ouvi de uma senhora: “fiquei tão feliz quando te vi, que bom que você veio conversar comigo e me perguntar às coisas da minha vida, ouvir minhas histórias”. O que dava animo de continuar a pesquisar, mesmo com as dificuldades de ser mulher e fazer uma pesquisa sobre mulheres em um lugar que antes era eminentemente masculino, receber cantadas grosseiras, estar sempre em alerta

² De acordo com Oliveira (2003), nas décadas de 60 e 70, surge a cidade flutuante localizada na frente da cidade, estendendo-se para a foz do Igarapé de Educandos, (um dos primeiros bairros de Manaus). Seu surgimento resulta da falta de moradia na cidade e ainda como alternativa mais barata de moradia, àqueles que não tinham condições de habitar em terra. O espaço do rio não se constitui como propriedade privada, fugindo da lógica de moradia na perspectiva do capitalismo. Algumas casas palafitas, ainda hoje podem ser vistas em frente ao Porto, misturando vivências de seus moradores com a dinâmica comercial portuária.

quanto à violência, os furtos e as constantes aparições da policia foram os maiores desafios superados.

E o aprendizado que mais me tocou foi à interação e a percepção da alteridade, que marcaram minhas diferenças as delas e vice-versa, confesso que passei horas pensando em perguntas que as mulheres faziam como: “Cadê seu marido”? “Por que você não tem filho e tem barriga”? “Tem vinte anos e só estuda, não vai trabalhar nunca”? “Por que sua mão é tão lisa”? “Você é da Igreja, você pergunta tanto as coisas da gente”? “Sua família é de onde”? “Onde você mora”? “O que você faz mesmo”?...

Essas perguntas e várias outras como entrevistas e questionamentos, me fez perceber também suas singularidades de mulheres de comunidades que preservam os grupos e as sociabilidades relacionados à família, Igreja e suas tarefas de trabalho. E assim como estranhava o que para elas é familiar a recíproca era tão verdadeira que se representava nas perguntas acima. Perguntas essas que ajudaram a me identificar, perceber o que sou a partir das diferenças que sentia em campo.

CONCLUSÃO

A pesca na Amazônia possui inúmeros significados e somente através de uma pesquisa interativa, considerando as formas, os modos e estilos de vida das pescadoras ribeirinhas e até das demais agentes de comercialização da pesca e do pescado, como detentores de saber, estabelecendo de forma interativa, troca de idéias, conceitos e saberes tradicionais de maneira intersubjetiva; é que foi possível entender esse mundo vivido.

Onde as redes sociais da comercialização da pesca se dão de maneira tão complexas de comercialização, e ainda tão interligadas a modos de sociabilidade que marcam todo e qualquer grupo social como: familiaridade, religiosidade, relações de vizinhança, instituições e organizações sociais. Pois aqui esta em vista as atrizes daquele cenário social que é palco o Terminal Pesqueiro no Porto da Feira da Panair.

Entre as adversidades de se viver no Porto, essas atrizes sociais estabelecem a cumplicidade e amizade como mecanismo de defesa, para então “viverem suas vidas com os outros” partilhando problemáticas e alegrias e nas suas “idas e vindas” de seus barcos de pesca; fica a saudade do interior, e os aprendizados inúmeros, bons ou maus na cidade de Manaus, com todas as contradições de uma cidade da floresta.

Os aspectos socioculturais e sentidos simbólicos instituídos por temporalidade e espacialidades, próprias de quem convive diariamente entre as intempéries e sazonalidades de cheias e secas, também são articulados a muitas subjetividades, estabelecidas entre os mistérios de encantamento; desaparecimento ou punição ao desrespeito à natureza; a sensibilidade ou fragilidade quanto ao pescado que faz mal à saúde como o agoro, a reima; ou até mesmo manter instintivamente a natalidade ideal à

comunidade, quando a mulher impede o pescador de ter outra família, jogando nele panema. Ou mesmo em meio ao tempo social, onde as mulheres evidenciam e dão o devido valor as suas histórias de vida compartilhadas com os outros, é percebido que mesmo na pesca comercial o que é moderno e novo mistura-se com o que é de valor tradicional vindo de comunidades ribeirinhas, ao mesmo tempo reinventando modos e estilos de vida entre representações do rural e do urbano, na Terminal Pesqueiro em Manaus.

REFERENCIAS

- ALMEIDA; CABRAL; ANDROCZEVECZ; AMARAL e ARAÚJO. *Setor Pesqueiro: Análise da Situação Atual E Tendência do Desenvolvimento da Indústria da Pesca. Relatório de Estudo Estratégico, IBAMA/Pro várzea. 2004*
- ANTONGIOVANI, Mariana. *Visões do rio Negro: construindo uma rede socioambiental na maior bacia (cuenta) de águas pretas do mundo e São Paulo: Instituto Socioambiental, 2008.*
- BATISTA, V. S.; CHAVES, M. P. S. R.; Faria Junior, C.; OLIVEIRA; M. F. G.; SILVA, A. J. I.; BANDEIRA, C. F. *Caracterização socioeconômica da atividade pesqueira e da estrutura de comercialização do pescado na calha Solimões-Amazonas.* In: Petreire, M. (Org.) *O setor Pesqueiro na Amazônia: situação atual e tendências.* Manaus: 2007.
- BRITO, Marco Antônio de Souza.. *Ambientes, praticas de pesca e territorialidade no uso do lago Grande de Manacapuru (AM). Dissertação de Mestrado. UFAM/PPGS – Manaus: 2010*
- CARDOSO; BATISTA; JÚNIOR & MARTINS, – *Aspectos Econômicos e operacionais das viagens da frota pesqueira em Manaus, Amazônia Central in Acta Amazonica Vol. 34(2). 2004.*
- CABALZAR, Aloísio (org.). *Peixe e Gente no Alto Rio Tiquié: conhecimentos tukano e tuyuka, ictiologia, etnologia. São Paulo: Instituto Socioambiental, 2005.*
- CABALZAR, Aloísio (org.). *Manejo do Mundo: conhecimentos e práticas dos povos indígenas do Rio Negro, Noroeste Amazônico. São Paulo: ISA - FOIRN, 2010.*
- COSTA, Selda Vale da. *Labirintos do saber. Nunes Pereira e as culturas amazônicas.* Tese de Doutorado em Ciências Sociais (Antropologia). PUCSP, 1997.
- CUNHA, Manuela Carneiro da & ALMEIDA, Mauro Barbosa de (orgs). *Enciclopédia da floresta – O Alto Juruá: Práticas e conhecimentos das populações. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.*
- DESCOLA, Ph. *La Nature Domestique: Symbolisme et praxis dans l'écoloie des Achuar. Foundation Singer-Polignac; Paris:Maison des Sciences de l'homme. 1986*
- DESCOLA, Philippe. *Constructing natures – Symbolic ecology and social practice.* In: DESCOLA, Philippe and PÁLSSON, Gísli (Eds). *Nature and Society – Anthropological perspectives.* London and New York: Routledge, 1995.
- FREITAS, S, C.E.C.; NASCIMENTO, F. S. &, F.K. *“Levantamento do estado deexportação dos estoques de curimatã, jaraqui, surubim e tambaqui”.* In Ruffino, M.L. [Eds.] *O setor pesqueiro na Amazônia: análise da situação atual e tendências do desenvolvimento da pesca. Documentos Técnicos: Estudos Estratégicos, Provárzea, IBAMA. 2006.*

- GENTIL, Gabriel dos Santos. Povo Tukano – cultura, história e valores. Manaus: EDUA, 2005.
- GEERTZ, Clifford. “Um jogo absorvente: notas sobre a briga de galos balinesa”. In: *A interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: Zefor Editor, 1978.
- GEERTZ, Clifford. Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura. In: *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989, p. 13-41.
- GLUCKMAN, Max. Análise de uma situação social na Zululândia moderna. In: *Antropologia das Sociedades Modernas*. UNICAMP. 1989
- HATOUM, Milton. *A cidade ilhada Contos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- _____. *Cinzas do Norte*. São Paulo: Companhia das letras, 2006.
- LASMAR, Cristiane. De volta ao lago de leite: gênero e transformação no Alto Rio Negro. São Paulo: Editora UNESP: ISA; Rio de Janeiro: NUTI, 2005.
- LIMA, Deborah e POZZOBON, Jorge. Amazônia Socioambiental: Sustentabilidade ecológica e diversidade social. *Revista: Estudos Avançados* 19 (54), 2005.
- LIANZA, SIDNEY; ADDOR, FELIPE. *Tecnologia e desenvolvimento social e solidário*. Porto Alegre: Editora da UFRGS 2005
- MAGALHÃES, T. L.; SANTOS, G. M.. *Observando a Panair: a pesca e suas redes sociais na Amazônia*. 2010. (Programa Institucional de Iniciação Científica – PIBIC Relatório Final de pesquisa).
- MAGALHÃES, T. L.; WITKOSKI. A.C; *Olhares da luta pela terra no estado do Amazonas: trajetórias de vida, aspectos socioculturais e perspectivas de futuro no município de Uarini*. 2009. (Programa Institucional de Iniciação Científica – PIBIC Relatório Final de pesquisa).
- MARQUES, José Geraldo W. *Pescando Pescadores: Ciência e Etnociência em uma Perspectiva Ecológica*. 2. Ed. USP Núcleo de Apoio à pesquisa sobre Populações Humanas e Áreas Úmidas Brasileiras, São Paulo, 2001.
- MARTINI, A. *Filhos do Homem: a introdução da piscicultura entre populações indígenas no povoado de Iauaretê, rio Uaupés*. 2008.
- MAUÉS, Maria Angélica Motta. “Trabalhadeiras” e “Camarados”: Relações de gênero, simbolismo e ritualização numa comunidade amazônica. Belém: Centro de Filosofia e Ciências Humanas. UFPA, 1993.
- MAGNANI, José Guilherme Cantor. *Festa no pedaço: cultura popular e lazer na cidade*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1984.

MENDES DOS SANTOS G. & Santos, G. Homens, peixes e espíritos: a pesca ritual dos Enawene-Nawe. Tellus, Campo Grande: UCDB, pp. 39-59, 2009.

MENDES, Gilton dos Santos e DIAS, Carlos Machado Jr. Ciência da Floresta: Por uma antropologia plural, simétrica e cruzada

MELLO, A. F. *A pesca sob o capital: a tecnologia a tecnologia a serviço da dominação* (Dissertação de Mestrado). Belém: UFPEA, 1985.

OLIVEIRA, Cardoso De Roberto. O trabalho do antropólogo. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

OLIVEIRA, José Aldemir de. Manaus de 1920-1967: a cidade doce e dura em excesso. Manaus: Editora Valer/Governo do Estado do Amazonas/Editora da Universidade federal do Amazonas, 2003.

POLANY, K. “Sociedades e sistemas econômicos”. In: A grande transformação: as origens de nossa época, Elsevier, 2000, PP. 62-76.

RUFFINO, M. L. (org.) *A pesca e os recursos pesqueiros na Amazônia brasileira*. Manaus: IBAMA/PROVÁRZEA 2004.

RANGEL, A. Inferno “Verde: cenas e cenários do Amazonas”, Valer, 2008.

SILVA, Mariana. Entrevista aberta de sua história de vida. 15 anos, pescadora ribeirinha. Comunidade Santo Rei, Manacapuru. Entrevista concedida em: 25/02/2010.

STRATHERN M.. "Novas formas econômicas: Um relato das terras altas da Papau – Nova Guiné” in: MANA 4(1): 109-134 1998.

STRATHERN, Marilyn. *O gênero da dádiva: problemas com as mulheres e problemas com a sociedade na Melanésia*. UNICAMP, 2002.

SOUZA; LOBATO & CAMARGO, - *Usos e Costumes na Comercialização de Pescado no Município de Manaus (AM): aspectos do meio ambiente do trabalho no porto e na feira da Panair* http://conpedi.org/manaus/arquivos/anais/bh/andrei_sicsu_de_souza.pdf. 2007.

VELHO, Gilberto. Observando o familiar. In NUNES, Edson de O.(org). A aventura sociológica. Rio, Zahar Editores, 1978.

WAGLEY, C. Uma comunidade amazônica: estudo do homem nos trópicos. São Paulo, 1988.

WILLIAM, Foote Whyte. *Sociedade de esquina: a estrutura social de uma área urbana pobre e degradada*. Jorge Zahar Rio de Janeiro, 2005.

WITKOSKI, A. C. *Terras, florestas e águas trabalho: os camponeses amazônicos e as formas de uso de seus recursos naturais*. Manaus: EDUA, 2007.

CRONOGRAMA

Nº	Descrição	Ago 2010	Set	Out	Nov	Dez	Jan 2011	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul
1	Levantamento bibliográfico	R	R	R	R	R	R			R	R	R	
2	Pesquisa de campo							R	R	R			
3	Entrevistas							R	R				
4	Análise de dados etnográficos							R	R				
5	Preparação do relatório parcial					R	R						
6	Preparação de apresentação oral e parcial				R								
7	Análise dos resultados finais							R	R	R	R	R	
8	Revisão da literatura								R	R	R	R	
9	Sessões de orientação e seminários no Neai	R		R		R		R		R		R	
10	Elaboração do Resumo e Relatório Final										R	R	R
11	Preparação da Apresentação Final para o Congresso												R

Legenda: R = realizado; P = proposto